ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

NA ERICEIRA

DIRECTOR J. J. DA SILVA GRAÇA

2ª SERIE Nº 33

RESULTADO DO 1.º CONCURSO

DA

Illustração Portugueza

ABERTO NO N.º 32 DE 1 DE OUTUBRO DE 1906

«Qual é o deputado a quem primeiro será concedida a palavra depois da camara constituida?»

As 3 horas e 38 minutos da tarde do dia 2 era concedida a palavra, na camara dos deputados, ao sr. conde de Paçô-Vieira, que a pedira para tratar como negocio urgente da questão da nacionalidade do sr. ministro da fazenda.

A essa hora pois estava virtualmente fechado o concurso da *Illustração Portugueza*, apesar de marcado o praso para a recepção de respostas até ao dia 4.

Estava esse praso dentro de previsões baseadas na historia parlamentar, onde é um caso extraordinario o achar-se constituida a camara e aberto o debate politico 24 horas passadas sobre a primeira sessão da junta preparatoria. Comprehende-se, porém, que o facto de ser iniciado o debate politico implicava o fecho do concurso — que desde essa hora deixava implicitamente de o ser, dado que o seu thema consistia na pergunta:

Qual é o deputado a quem primeiro será concedida a palavra depois da camara constituida?

Esse deputado foi, como se vê do extracto official da sessão, o sr. conde de Paçô Vieira, *leader* da minoria regeneradora, que principiou falando ás 3 horas e 38 minutos da tarde. Assim, todas as respostas, com excepção das da provincia, que depois das 4 horas nos chegaram, foram eliminadas do concurso, no qual, apesar d'essa circumstancia imprevista, se apuraram **451 respostas dentro do praso de validade.**

Essas 451 respostas eram assim distribuidas:

Conde de Paçô Vieira	36
Dr. Affonso Costa	70
Dr. João Pinto dos Santos	62
Dr. Antonio José d'Almeida	51
Dr. Alexandre Braga	45
Dr. João de Menezes	36
Conselheiro Moreira Junior	32
Dr. Pedro Galvão	20
Conselheiro Antonio Cabral	11
Conselheiro Pereira dos Santos	16
Conselheiro Abel d'Andrade	13
Conde de Penha Garcia	3
Dr. Teixeira d'Abreu	11
Dr. Alberto Navarro	2
D. Thomaz de Vilhena	2
Dr. Antonio Centeno	2
Alvaro Pinheiro Chagas	1
Dr. Alfredo Ferreira de Mattos	1
	414

Transporte	414
Henrique Paiva Couceiro	1
D. Miguel Pereira Coutinho	1
Joaquim Telles de Vasconcellos	1
Dr. José Maria Tavares	1
Dr. Antonio Tavares Festas	1
Padre Luiz José Dias	1
Carlos Augusto Marques Leitão	1
Visconde da Torre	1
Ministro da Fazenda	5
Dr. Martins de Carvalho	2
Mello Barreto	1
Eduardo Schwalbach	1
Lourenço Cayolla	1
Macedo Ortigão	1
Moreira d'Almeida	1
Dr. Gaspar d'Abreu	1
Conde d'Agueda	1
	436

Transporte	436
Dr. Libanio Fialho Gomes	1
Dr. Thomaz de Mello Breyner	1
Dr. José d'Oliveira Soares	1
Conselheiro Agostinho de Campos	1
Dr. Mario Pinheiro Chagas	1
Dr. Paulo Cancella	1
Oliveira Mattos	2
Conselheiro Cabral Moncada	1
Conselheiro João Franco	2
	448
Conselheiro Hintze Ribeiro (par do reino)	1
Conselheiro Teixeira de Sousa (par do reino)	1
Conselheiro Dantas Baracho (par do reino	1
Total	451

Os 36 concorrentes que votaram pelo sr. conde de Paçô Vieira foram os srs. Carlos Mega, Daniel Leal, João Teixeira Durão, Antonio Neves Camarate, Adelino de Sousa, J. P. Almeida, A. Pires, G. Ferreira, João da Cruz Filippe, Julio Corrêa, José L. Gonçalves, João C. Gueiffão, Abraham Bensaude Junior, Jayme Antonio da Silva, Antonio dos Santos Graça, Pedro de Castro, Antonio Curado, Joaquim Cavalleiro, R. Godinho, José Martins, Gonçalves, José Dias Pessoa, Henrique Campos d'Almeida, Antonio Nogueira, Joaquim C. Nunes Branco, Lucio de Bettencourt, Samuel Pinto d'Azevedo, Alvaro Faria, Eurico d'Oliveira, C. Izadina (?), Guilherme Custodio, José Augusto Vidal, H. Caetano de Sousa, Alfredo Barros, Alvaro Faria, J. de P. Veiga e Cunha, José Maria do Casal Ribeiro e Almeida Saraiva.

Entre estes 36 concorrentes foram sorteados os 10 premios do concurso, constantes de 10 assignaturas semestraes da *Illustração Portugueza*, que couberam aos srs.:

Julio Correia, Rocio, 1, Lisboa — José Dias Pessoa, S. João do Estoril — Luiz de Bettencourt, Avenida da Liberdade, 19, Lisboa — Alvaro Faria, Avenida Valbom, Cascaes — José Augusto Vidal, rua de D. Pedro V, 34, Lisboa — H. Caetano de Sousa, rua da Barbaleda, 17, 3.º, Lisboa — J. de Veiga e Cunha, Marco de Canavezes — Eurico d'Oliveira, rua Sousa Monteiro, M. F. C., rez-do-chão, Lisboa — Guilherme Custodio, Figueira da Foz — Almeida Saraiva, Beja.

A todos será desde hoje, pelo espaço de um semestre, enviada gratuitamente a ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA.

Depois de fechado o concurso, entre as numerosas respostas que chegaram á redacção da *Illustração Portugueza*, procedentes na sua maior parte da provincia, contavam-se ainda 19, designando o nome do sr. conde de Paçô Vieira. Estas respostas, que não puderam concorrer ao premio pelas circumstancias já indicadas, eram assignadas pelos srs. Manuel Alves, Borges Junior, Joaquim Gaspar, J. R. Franco Junior, Manuel Gonçalves Dias, Miguel Calheiros Junior, Augusto Figueiredo, Ruy Guedes, Manuel Rodrigues, Humberto Vasques, Luiz de Mello, Antonio Abranches, Joaquim do Carmo Palma, Ricardo Ferreira, José Vicente Courado, Luiz Franqueira, Club Bragantino, Avelino Teixeira e Miguel de Mello.

ESTREIAS PARLAMENTARES

Emygdio Navarro,—um Hercules manejando subtilmente uma penna d'oiro—, costumava dizer muitas vezes referindo-se á sua vida intensa de politico e de parlamentar:

—Nunca me levantei na Camara para pedir a palavra que não sentisse uma impressão de frio pela espinha.

E a proposito, aconselhava sempre paternalmente os novos deputados eleitos a que fizessem o mais cedo possivel a sua estreia, logo nos primeiros dias, logo nas primeiras sessões depois de constituida a Camara, e rematava, como conhecedor do meio e antigo luctador parlamentar dos mais combativos e dos mais brilhantes:

—Quem faz a sua estreia muito tarde, lucta com o dobro das difficuldades.

A *Illustração Portugueza* offerece este aphorismo do supremo jornalista politico do nosso tempo aos novos representantes da Nação que ainda não fizeram a sua iniciação parlamentar, e, como Emygdio Navarro, aconselha-os a que não se demorem. Uma estreia no Parlamento é como um remedio amargo: quanto mais depressa se toma, menos custa a tomar. Um deputado novo está, em frente da sua estreia, como um friorento diante d'uma tina d'agua fria: se vae a querer metter primeiro um pé, depois outro pé, em seguida um dedo, depois outro dedo, aos poucos e poucos, com medo da agua,—é mais que certo que nunca chega a entrar na tina. O grande remedio é o salto mortal: de cabeça, cachapuz!—e prompto.

Martens Ferrão, que teve uma larga vida parlamentar e que foi nosso ministro junto do Quirinal, não pensava positivamente assim. Para elle o melhor processo não era o da rapidez, o da fulguração; não queria a estreia brusca, impetuosa, feita logo nas primeiras sessões quando a camara ainda está, como se diz dos touros, no «*primeiro estado*»: queria pelo contrario a estreia prudente, medindo com todas as cautelas o terreno, estudando o meio e os homens, deixando-se penetrar progressivamente da atmosphera especial do Parlamento, adaptando-se ás condições acusticas da sala, e fazendo antes do primeiro discurso como que um longo tirocinio de articulação, de graduação de voz, de attitudes e de gestos.

Bispo de Vizeu

O processo por que o illustre diplomata, que era excessivamente timido, fez a sua estreia parlamentar, merece ser indicado tambem aos novos deputados que ámanhã farão as suas primeiras armas na tribuna politica. Nada mais simples. Martens Ferrão comprehendeu, ao entrar pela primeira vez no Parlamento, que não poderia de fórma alguma fazer do pé para a mão um discurso que o honrasse. Duvidava mesmo de que tivesse voz para o recitar de ponta a ponta. Tinha a preoccupação de que não o ouviriam, de que enrouqueceria, de que a sua estreia seria um fiasco, de que iria jogar estupidamente, n'uma aventura oratoria para que não estava preparado, todo o seu nome e todo o seu futuro. Que fez elle? Tratou de conhecer o terreno, de ir de vagar. Dirigiu-se aos collegas da Camara com quem tinha mais intimidade, pedíu-lhes que logo que qualquer d'elles tivesse de mandar requerimentos para a meza ou de participar a installação de commissões lhe cedesse a palavra para esse fim e os deixasse substituil-os, —e tanta vez falou, tanta installação de commissões annunciou á Camara, tantos requerimentos mandou para a meza, que quando pela primeira vez pediu a palavra a serio para fazer o seu primeiro discurso, a commoção tinha desapparecido, a voz estava graduada, e Martens Ferrão, apezar de timido, de nervoso,

Passos Manuel

de impressionavel, conseguiu fazer sem a minima difficuldade a sua estreia parlamentar.

Por isso elle dizia depois, já velho, contando as impressões da sua vida de homem publico e aconselhando affectuosamente os que se abrigavam á sua sombra:

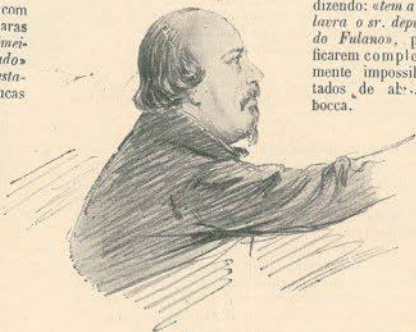
Costa Cabral

—Nenhum deputado novo deve atirar-se a um discurso politico sem ter mandado, pelo menos, duas duzias de requerimentos para a meza!

Seja entretanto como fôr, com as camaras no *«primeiro estado»* como queria Emygdio Navarro, ou no *«terceiro estado»* como queria Martens Ferrão, o certo é que poucas coisas haverá mais decisivas e mais graves na vida d'um homem publico do que o primeiro discurso que pronuncia nas Camaras. Póde ter-se falado muitas vezes, ser-se um velho causidico, um velho professor, um velho orador sagrado; possuir-se todo o traquejo da cathedra, do pulpito e do fôro: nem por isso a iniciação parlamentar deixa de ser, entre nós, como em toda a parte, eriçada de graves difficuldades e de dolorosas surprezas. O advogado, o prégador, o cathedratico poderão estar habituados a falar, ser grandes profissionaes dentro do molde da eloquencia da estola, do capello ou da béca,—e entretanto, quantos dos mais distinctos, dos mais eloquentes, dos mais conceituados não teem dado na tribuna do parlamento um estenderete formal!

Ora quando isto succede aos oradores de profissão, —imagine-se o que será uma estreia parlamentar para um pobre diabo que nunca falou em publico! É uma positiva tortura, uma provação verdadeiramente inquisitorial, uma fabrica de suores frios e de lesões no coração, é um inferno que faz vontade de zurzir tres vezes depois de mortos os casacas de briche de 1820, e suspirar pela forca e pelo sr. D. Miguel, pelos cacetes e pelo Ramalhão, pelos burros e por Queluz, onde ao menos não havia moções nem avisos prévios, interpellações nem requerimentos, onde ninguem pedia a palavra antes da ordem do dia, e onde pelos profundos tectos de tumba nunca resoou o terrivel *«senhor presidente»*, bordão somnolento da oratoria parlamentar, que um dia Marçal Pacheco contou cento e vinte e sete vezes n'um curtissimo discurso de meia hora!

Rodrigo da Fonseca

A difficuldade é de tal ordem, que ha creaturas d'um altissimo talento perfeitamente incapazes de discursar em publico. «Os poetas nascem: os oradores fazem-se»—dizia um grande poeta. Não é tanto assim. Quanto sabio organisador, quanto politico eminente tem falido entre nós, pela sagrada mania de aferir o valor dos homens publicos exclusivamente pela sua aptidão parlamentar! Ha desgraçados para cujo systema nervoso a idéa d'uma estreia oratoria é tão singularmente depressiva, que bastaria ouvirem a voz soturna do presidente dizendo: *«tem a palavra o sr. deputado Fulano»*, para ficarem completamente impossibilitados de abr... a bocca.

Rebello da Silva

Rodrigo da Fonseca, o galante e perfido *Rodericus a Condeixa*, que trazia sempre á flôr dos labios finos uma anecdota ou um sorriso, costumava contar o caso de certo deputado francez que ao pedir a palavra na Camara para fazer a sua estreia parlamentar se apavorou tanto, que quando d'ahi a duas ou tres horas, já quasi no fim da sessão, o presidente l'ha concedeu, limitou-se a fazer menção de se erguer na poltrona, e coberto de suores frios, com a voz estrangulada, pallido, enfiado, cadaverico, declarou solemnemente:

—Eu pedi a palavra, sr. presidente, para affirmar a v. ex.ª e á camara que nunca mais na minha vida a torno a pedir!

Mas entre nós ha melhor. Um bello dia certo curso medico que se formára havia dez annos lembrou-se de se reunir n'um grande jantar commemorando o 10.º anniversario da sua formatura, sendo, para maior brilho da festa, univ...camente imposta aos convivas a condição de

chegado o *toast* fazer cada um d'elles um brinde, a começar pelo mais velho que presidia ao banquete. Ora o mais velho era o distincto clinico em Lisboa dr. Joaquim Evaristo, o descobridor da cura da tuberculose pelo liquido ascitico, medico singularmente talentoso que tinha e tem pela oratoria o horror mais invencivel d'este mundo e que nunca falára em publico senão para contar anecdotas aos amigos. Chegou-se a noite do banquete, e Evaristo tomou a presidencia. Estava pallido, apprehensivo, não comia, não falava. Tinha estudado em casa o brinde com que havia de romper o *toast*,—duas palavras apenas—repetia-as mentalmente, ruminava-as, baralhava-as, chegava a ponto de confundir tudo, de não se lembrar nem sequer do principio, e estava já decidido a levantar-se da meza sob qualquer pretexto e a ir-se embora, quando estalou a primeira garrafa de Champagne e todos os collegas bradaram erguendo as taças:

—Evaristo! Evaristo! Evaristo!

Não havia remedio. Evaristo era o mais velho, tinha de fazer o primeiro brinde. Levantou-se da cadeira, tirou o guardanapo, tomou a taça onde espumava o champagne, tossiu, engulio em sêcco, quiz principiar, mas não lhe acudiu nem uma idéa, nem uma phrase, varreu-se-lhe tudo quanto tinha decorado, e n'uma afflicção enorme, coberto de suores, com a mão a tremer erguendo a taça, saiu-se com esta, no meio do silencio solemne dos collegas:

Emygdio Navarro

—Meus senhores, eu faço minhas as palavras... do orador que se ha de seguir!

* * *

Far-se-hia um curioso livro de anecdotas contando os episodios das varias estreias oratorias occorridas durante os nossos oitenta annos de vida parlamentar.

Desde a estreia de Passos Manuel, em 25 de agosto de 1834, em que o grande orador foi violentamente chamado á ordem por toda a Camara por ter tratado o general Candido José Xavier de «*infame e obscuro Coriolano*», até á primeira oração politica de Costa Cabral respondendo ao ministro Dias d'Oliveira, que terminára o seu discurso em plena camara, cantando uma cantiga das lavadeiras de Vallongo,—quanto episodio interessante n'esse curto periodo legislativo que vae desde a casaca de briche de Borges Carneiro até á «caixinha d'oiro das execuções» de Garrett!

Hintze Ribeiro

E d'ahi por diante, na segunda phase da nossa historia parlamentar, quanta anecdota picante em que andam constantemente os nomes de Rodrigo da Fonseca, de José Estevam, de Garrett, do principe da Cunha! Este ultimo, o galante Sotto-Mayor, depois ministro de Portugal em Stokolmo,—principe das elegancias cosmopolitas, especie de Lord Brummel de 1840, de conde de Lauraguais da mocidade doirada do tempo,—uma vez eleito deputado, e na sua constante preoccupação de irritar todo o mundo, começou a apparecer nas sessões da Camara, onde então os

José d'Alpoim

João Arroyo

deputados só entravam solemnemente entalados na sua casaca preta, coberto d'um *carrick* enorme e vermelho, de muitas romeiras sobrepostas, que lhe dava o ar berrante e aggressivo d'um cocheiro londrino que entrasse sem mais nem menos no seio da representação nacional.

O presidente, que era um velho caturra, praxista, irascivel, ridiculo, celebre pela sua casaca horrivelmente mal feita, torceu-se na cadeira á primeira vez que o viu, fez uma careta á segunda vez, teve um arremesso á terceira, á quarta não poude conter-se, e quando Sotto-Mayor fez mais uma vez a sua entrada no Parlamento embrulhado no seu amplo carrick encarnado de cocheiro de Londres, o velho ergueu-se na cadeira como um diabo de *boite à surprises*, estendeu a mão direita para o moço deputado e apostrophou violentamente na sua voz trémula de furia:

—Eu convido o sr. deputado Sotto Mayor a retirar-se, porque não vem em traje conveniente e digno da gravidade d'esta sala!

O principe da Cunha sorriu, ergueu-se galantemente, desapertou o colchete que lhe prendia a golla do carrick, afastou-o n'um grande gesto, deixou que o immenso capotão vermelho lhe cahisse aos pés, e surgindo preciosamente vestido, na elegancia inverosimil da sua casaca verde bronze com botões d'oiro, colleante, encanudada, sumptuosa, magnifica, limitou-se a perguntar ao velho ginja do presidente no seu eterno sorriso calmo e attencioso:

—V. ex.ª, sr. presidente, quer ter a bondade de dizer-me onde é o seu alfaiate?

Foram as primeiras palavras que Sotto Maior pronunciou nas camaras: mas o successo de gargalhada foi de tal ordem, a impressão produzida pelo supremo *aplomb* do futuro ministro foi tão intensa e decisiva, que mesmo antes de ter feito o seu primeiro discurso politico já toda a opposição o considerava um adversario temivel e perigoso. Venceu,—antes de ter combatido.

Muito interessante tambem foi a estreia parlamentar do bispo de Vizeu. Alves Martins era opposição e ergue-ra-se, n'um repto oratorio, para fulminar um dos ministros, que por signal era velho e tolo:

—Aquelle homem, sr. presidente, é quasi irresponsavel dos erros que praticou! Aquelle homem é quasi indigno de estar nas bancadas do ministerio! Aquelle homem é quasi um mentecapto!

A maioria governamental levantou-se em massa protestando, a berraria era de ensurdecer, a presidencia agitava a campainha convulsamente, refez-se por fim o silencio, e a voz do presidente da camara ouviu-se cava e solemne, ordenando:

—Eu convido o illustre deputado a retirar as expressões que acaba de proferir!

Antonio Candido

—Retire! Retire!—trovejou a maioria em pezo.—Ha de retirar!

O futuro bispo não se perturbou, deixou que se restabelecesse o silencio, voltou-se placidamente para a presidencia, e exclamou com a mais absoluta calma do mundo:

—Eu disse que o illustre ministro era *quasi* um mentecapto! Pois bem. Faço a vontade á camara e a v. ex.ª: retiro o *quasi!*

Pinheiro Chagas

Em 1848 houve uma estreia celebre: a de Rebello da Silva.

Todos esperavam que o auctor da *Ultima tourada em Salvaterra* produzisse uma oração empolgante, digna do seu nome e da sua fama. Não succedeu porém assim. O discurso era litterariamente magistral; mas a voz atraiçoou o orador. Rebello da Silva enrouqueceu a meio, quiz precipitar a oração, o effeito perdeu-se, e a camara teve a

impressão desagradavel de estar ouvindo um mau leitor a ler detestavelmente as paginas d'oiro d'um bello livro.

Dizia então o futuro ministro, rindo-se mais tarde do insuccesso da sua estreia parlamentar:

—Fui um razoavel escriptor; mas fui um detestavel actor!

Os inglezes não gostam de vêr bons começos aos filhos: muitas vezes das estreias parlamentares mais infelizes nascem os estadistas mais notaveis. Foi o que se deu com José Luciano de Castro, hoje arbitro da politica portugueza e orador de singulares recursos, cuja estreia foi manifestamente mal succedida,—tão mal succedida que o illustre estadista viu-se obrigado a abandonar por alguns annos a vida politica, saindo de Lisboa para abrir banca de advogado no Porto. Quando ao fim d'esses tres ou quatro annos voltou ás camaras, como deputado pelo circulo de Aveiro, já não parecia o mesmo orador hesitante e antiquado da sua estreia parlamentar: vinha outro, brilhante, ponderado, moderno, incisivo, admiravel nos reptos oratorios, temivel como orador de combate, d'uma nitidez, d'uma impetuosidade, d'um poder de suggestão, que em cincoenta annos o conduziram á situação primacial e preponderante que hoje occupa na politica do seu paiz.

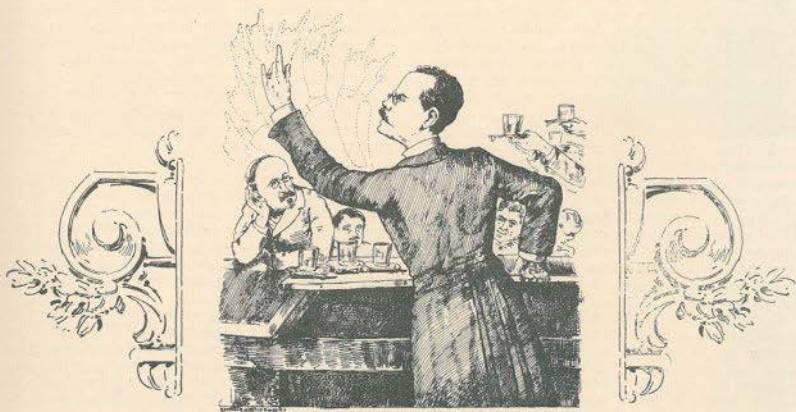
José Luciano de Castro

Já com Hintze Ribeiro não succedeu o mesmo. O discipulo de Fontes surgiu logo nas luctas parlamentares como um triumphador, cingindo a castrense d'oiro das grandes victorias. O «urso» vinha precedido de Coimbra d'uma fama exuberante. Estreiou-se em 1879, como deputado pelo circulo da Ribeira Grande (S. Miguel), defendendo a sua eleição quando era a propria camara que verificava os poderes dos seus membros. Pouco depois, era ministro.

São bem conhecidas dos nossos leitores as estreias de Antonio Candido, que deu logar a uma *scie* nos jornaes do tempo, a de João Arroyo, admiravel pela violencia e pelo brilho, a de José de Alpoim, n'uma catadupa febril de palavras, finalmente a de Frederico Laranjo, tão notavel pelo brilho da oração, como pela abundancia descompassada dos gestos. A estreia d'este ultimo parlamentar deu logar, segundo se conta, a um incidente extremamente pittoresco. Laranjo tinha mandado vir um copo d'agua para ir refrescando a garganta durante o seu discurso; mas tanto gesticulou, tanto abriu e fechou os braços, tão febrilmente bateu na carteira, que o copo saltou, espirrou a agua, e o orador ficou encharcado como um pinto.

Commentario d'um deputado que estava perto, sorrindo maliciosamente para Frederico Laranjo:

—Lá fez v. ex.ª uma laranjada!

Estas foram as estreias parlamentares dos velhos,—em plena anecdota. Como serão ámanhã as estreias parlamentares dos novos?

O deputado Hintze Ribeiro—[*Caricatura de Raphael Bordallo Pinheiro*]

TORRES NOVAS — EM PLENO HIPPISMO

Tenente Cruz saltando um muro

São seis horas da manhã e, apezar do sacrificio que para alguns s pessoas representa o levantar cedo, ninguem — acreditamos — falta ao ponto de reunião que tem logar nas galerias do picadeiro mais pequeno da Escola de Cavallaria. Nota-se, é certo, a ausencia das s nhoras que de ordinario aqui vemos seguir com interesse o decurso das exhibições hippicas de caracter academico, como os antigos as designavam, mas esta *grève* justifica a sua voluntaria abstenção na madrugada que uma ordem militar lhes pretende impôr.

O campeonato começou p la prova d'ensino em que cada concorrente procura mostrar ao jury o seu tacto no adestramento do cavallo que monta, assim como a correcção na maneira de o mandar.

Pela execução dos exercicios via-se que todos os cavallos se achavam equilibrados e ajustados no trabalho que lhes era pedido, correspondendo, sem dureza, ás ajudas de que os cavalleiros se serviam com sobriedade, achando-se todos os cavallos excellentemente galopados e passados de mão.

Desfilaram, pois, ante o jury, nove concorrentes, sendo classificado em primeiro logar, depois de encerrada a sessão, o tenente Silveira Ramos, que montava um cavallo inglez de muito sangue. E saimos nós da Escola sob a grata impressão de vêr que os nossos officiaes, pela tenacidade no trabalho, venciam todas as difficuldades, acompanhando de perto os seus camaradas estrangeiros que, mais felizes que nós, dispõem de bons cavallos, tendo, além d'isto, mil ensejos de os montar em publico.

No dia seguinte effectuou-se o grande percurso que constituia a prova de resistencia. Foi dada a partida aos cavalleiros no hippodromo, ás duas horas da madrugada, tendo os concorrentes regressado ao ponto de partida antes das onze da manhã, depois de terem coberto uma boa centena de kilometros em pouco mais de oito horas e meia. Deve notar-se que parte do caminho era de grande escabrosidade no sitio do Cabril, o que obrigou por vezes a marchar lentamente, resultando d'aqui terem os concorrentes de manter n'outros pontos uma velocidade superior a vinte kilometros á hora para conseguirem a media desejada.

Eis a lista dos officiaes que tomaram parte no campeonato e das suas montadas:

Casal Ribeiro, alferes, *Lord*, meio sangue inglez

Peixoto da Silva, alferes, *Rasca*.

Cruz, tenente, *Russo*.

Silveira Ramos, tenente, *Swift*, meio sangue inglez.

Oliveira Reis, tenente, *Nero*.

Jara de Carvalho, alferes, *Adamastor*.

Callado, alferes, *Patarreco*.

Solano d'Almeida, alferes, *Tinoca*.

Azambuja, alferes.

Alferes Casal Ribeiro saltando um obstaculo

Os cavallos, acto continuo á chegada, foram examinados pela commissão technica que os aguardava no hippodromo, encontrando-os, segundo nos informaram, em estado satisfatorio, dando todos elles seguidamente a prova na pista e saltando sem esforço o obstaculo indicado; apenas um se recusou ao salto.

Comquanto os cavallos se differenciassem immenso, no seu modelo, entre si, no conjuncto constituiam um lote de valor muito acima do que viramos no anno anterior.

Progride-se evidentemente e todos que se interessam pela prosperidade do nosso *sport* não poderão deixar de fazer votos para que o ministerio da guerra conceda, pelo menos a estes officiaes que se esforçam por manter em publico a representação dos seus regimentos, uma melhor dotação pela remonta, o que, attentas as circumstancias que se dão, não poderá ser, de modo algum, taxado de favoritismo.

A ultima prova do campeonato teve logar no terceiro dia com a assistencia de El-Rei e do Principe Real, vendo-se nas tribunas grande numero de senhoras que não hesitaram, para a presencear, em se expôr ás inclemencias d'um sol asphyxiante que incidia sobre as tribunas desprovidas de cobertura.

Esta prova foi dada no hippodromo n'um curto galope de caça, na pista d'obstaculos, e o jury ia

Tenente Oliveira Reis saltando uma valla de 3m de largura

Alferes Peixoto da Silva saltando uma valla de 3m de largura

Alferes Sol·no d'Almeida saltando a triplice barra

marcando a cada cavalleiro qualquer falta commettida no percurso, sendo depois contadas e addicionadas para a classificação final. O resultado da contagem foi o que segue:

Primeiro premio, de 400$000 réis, ao tenente Oliveira Reis; o segundo, de 300$000 réis, ao alferes Peixoto; o terceiro, de 200$000 réis, ao tenente Ramos, vencedor do primeiro premio no anno anterior, e o quarto, de 100$000 réis, ao alferes Callado. A taça de prata do compeonato ficou na posse de lanceiros 2.

Agora diremos ainda duas palavras sobre as marchas rapidas que constituem parte importante dos campeonatos e qual é a sua ultima e recente phase.

Nos *raids* militares, em França, a officialidade de cavallaria tem por meio d'um methodico treno, adaptado ás circumstancias, conseguido resultados surprehendentes.

Alferes Peixoto da Silva saltando a triplice barra

Os morticinios de cavallos, nas primeiras marchas rapidas, entre *Vienna e Berlim* e depois entre *Bruxellas e Ostende*, foi alarmante e serviu de lição, levando os concorrentes a estudar a fundo o que a machina animada, sujeita a um regimen especial, poderia dar sem risco de inutilisação.

D'esses estudos feitos conhecemos um, publicado ha annos, que é altamente interessante pelos pontos de vista que abrange e pela competencia do seu auctor. E' do tenente *Bausil,* que tomou parte em grande numero de marchas rapidas, perdendo mesmo o seu cavallo em *Coolscamp*, n'essa etape negra de *Ostende*, cobrindo cem kilometros em pouco mais de quatro horas!

No *raid Paris—Rouen—Deauville*, elle fez-nos vêr o methodo adoptado de marchar e asegurança como o fazia na resposta por elle dada a alguem que o aconselhava a apressar-se, porque um dos seus camaradas—*Saint-Sauveur*—se lhe adiantára. Eu não altero em nada o andamento do meu cavallo, replicou; e era para elle convicção de que se *Saint Sauveur* tinha passado uma longa encosta a galope, como lhe diziam, não chegaria ao fim. Pouco depois o cavallo do seu camarada succumbia effectivamente e era *Bausil*, no seu *Midas,* que batia os numerosos camaradas concorrentes, entrando em *Deauville* com o seu cavallo em excellente estado.

Actualmente a physionomia dos *raids* francezes tem-se modificado e o ultimo realisado, ha mezes, em *Vittel, Bains les Bains—Bourbone—Vittel,* approxima-se bastante da missão que o official póde desempenhar em tempo de guerra.

Um ponto da innovação é que o official desconhece o caminho que tem a seguir, orientando-se n'elle á ultima hora, na propria carta, tendo apenas de tocar nos pontos forçados de *contrôle.* Parte das etapes era feita com tempo contado, parte em andamento livre e por terrenos de toda a ordem.

Tenente Oliveira Reis saltando a triplice barra

Este *raid,* cujo percurso parece não ter excedido cento e cincoenta kilometros, cheio de obstaculos imprevistos e praticado nas manhãs de tres dias seguidos, deu logar a que os cavallos de meio sangue se puzessem em egualdade de circumstancias com os puro sangue, chegando quasi todos os concorrentes, que eram numerosos, ao fim do percurso sem grandes intervallos uns dos outros.

Para assegurar quanto possivel a conservação dos equideos, em determinados pontos, era-lhes feita uma inspecção rigorosa para serem retirados da marcha os que não se achassem em condições de seguir, o que succedeu a alguns.

Ha, pois, innovações uteis e esta ultima fórma dada ás marchas militares parece-nos dever fazer caminho.

João de Mello.

Photographias do tenente sr. J. Bruno de Cabedo

EL-REI LENDO O DISCURSO DA COROA NA SESSÃO SOLEMNE DE ABERTURA DAS CORTES NO DIA 29 DE SETEMBRO

PRAIA DE S. SEBASTIÃO

Se qualquer industrioso estrangeiro e aventureiro, acercando-se d'esta nesga azul de Portugal, quizesse cavalheirosamente fazer *paço d'armas* á fortuna, contando, já se vê, com a legião cosmopolita do capitalismo mercenario, eu, sabendo-lhe da balda, far-me-hia encontrado com elle á meza do hotel ou á banca da roleta (estamos no verão de 1906) e passando lhe a pimenta ou os palitos, ou apanhando na correria a primeira corôa que lhe rebolasse do logar, provocaria entre nós o banal, circumspecto e preciso conhecimento.

E no primeiro ocio, ou ao primeiro almoço, estenderia em frente do amigo barbaro um mappa de Portugal—a nesga azul—e dir-lhe-hia:

—Aqui tem o meu caro senhor a Ericeira!...

Passado o natural espanto do homem, ajuntaria:

—Sob esta excrescencia labial, olhando ao sul, aqui, na carta, está Cascaes... sabemos que está Cascaes. Não faça caso de Cascaes, é vinha vindimada, dizem que cheira mal... Repare agora para esta curva leve, toda voltada ao grande mar. Conhece o grande mar?! Pois meu caro senhor, é elle, elle proprio, quem entre estas duas pequenas saliencias—o cabo da Roca e o cabo Carvoeiro—vae denticulando, roendo, recortando, entre areias e ribas, a linha que está vendo. E é, como tambem sabe, entre areias e ribas, que, quando o tempo aquece, muita gente, ou por calor, ou por toleima, ou por conselho, se vem despir e outra se vem vestir, o que tudo na

ERICEIRA

Ericeira—O banho (aspectos)

Ericeira.—A praia chamada da *Baleia*, de manhã

mesma vem a dar, visto já ser de sediço apontamento que a mais bella mulher, quando tão bem se veste, tem necessariamente que se despir melhor. Mas nús ou semi-nús, é sobre esta linha que muitos pulmões se põem a respirar e se abrem mais ou menos (conforme a angiologia de cada um é mais ou menos azul ou mais ou menos embolïada) ao grande ar iodado, ás estonteantes valsas cantadas de *Bergère*, a toda a eterna, insidiosa, felina e inebriante brincadeira do «*gostas de mim?*» e ás offegantes exclamações do «*jôgo... tôpo... e batatas*». As batatas aqui substituem uma imprecação de maior valia. Mas para o meu amigo, que é estrangeiro, de tanto lhe servem as batatas como a imprecação. E' mesmo melhor ir-se com as *batatas!* Adeante... Ora aqui, onde eu agora ponho a ponta do meu lindo dedo, é a Ericeira. A Ericeira, que o mar róe e devasta lentamente com as sapatadas da sua patinha de gata branca, e que a Influencia politica local vae concertando com cuspo, manha, palermice e muita indolencia.

«Para abordar, vindo de sitios civilisados, esta Ericeira, em viagem normal e por terra, temos todos os meios applicaveis a uma estrada de montanhas russas com cremalheira de sob-rodas e charcos de barro assim que do céu algum pinguito de agua entra de cahir. Todos os meios, desde a primitiva deligencia trogalheira, com anecdotas do sr. Mourão (porque sempre lá vae o sr. Mourão com as mesmas anecdotas) e que aqui nos traz, de Cintra, em 3 enormes horas, até ao vertiginoso automovel, que se não ficar a meio de tal carreiro de barrancos, dando ás azas, como uma gallinha que enrascasse uma das patas n'uma rêde, lá nos poderá levar em meia hora.

«De Lisboa á Ericeira são, meu somnolento amigo, umas dez leguas em linha quebrada. E de Cintra, metade approximadamente. E o que são cincoenta kilometros para uns 90 á hora?

«Como aspecto, esta Ericeira, do alto d'onde primeiro se avista, passada a Foz e a Sala de Visitas, tem um lindo aspecto d'aguarella com as suas casitas razas e caiadas a descerem por uma vertente de pouca inclinação até ao mar; a agglomeração dos casinholos faz assim uma cunha branca, entalada entre o azul levissimo do céu e o azul ferrete da agua com tons de pederneira e rendas brancas. Lá tem nos outeiritos que a rodeiam o seu moinho antigo com a symbolica cruz de Christo... e tão symbolica que toda ella está remendadinha. E uma ou duas araucarias fazem monumento, furando d'entre a casaria o seu desenho esguio e cortante de espinha de peixe, e tingindo de verde a alvura geral do logarejo.

«Em baixo, junto ao mar, ha umas quatro angrasinhas de valor. A primeira, vindo do sul e da estrada de Cintra, chama-lhe o indigena: a *Baleia*. E fragosa e estreita. Tem penhascos onde se acoita uma fauna especial e onde pés humanos, com delicadezas de mãos, não poderão decerto tactear e banhar. Sobre tal facha d'areia, debruça-se a prumo uma ribanceira laivada de rôxo e riscada naturalmente de lindos tons violaceos, com balaustradas artificialmente lambusadas tambem de violeta. E coisa assyria! E coisa que o seu proprietario trata com muito e meio a lapis de côr e com uma caixinha de tintas de dois tostões! Taes arribas fazem um ingenuo e raro panorama aos paquetes que por um oculo lhe espreitem o arranjo. No campo estreito de tal exame, quem não fôr da localidade, fica sem perceber como n'um tal presepio não pastam o golfo apodrecido boisinhos de barro, e não humanisam a brincadeira um ou outro S. João de facha rubra e meia duzia de bandarilheiros com doirados. De fórma que, n'esta praia chamada da Baleia, estará o meu amigo, se lá fôr banhar-se, entre umas ribas que pertencem ao Influente politico da localidade que d'ellas faz presepio a seu sabor, e faz muito bem, e o mar, o grande mar... a rir-se muito! Como vê, são duas troças! E francamente, em cuecas, entre essas duas troças, ninguem se sente bem. Tenho pois a certeza que em tal

Maré baixa — Vista geral da Ericeira

Er.ceira — Praia do Sul [a Baleia] — Praia do Peixe — Praia do Nort›

Na estrada — Casa do sr. dr. Burnay — Na praia do peixe — Lavadeira — O *Joao da Bola* [praça D. Amelia] — As eleições — Carregando *golfo* — Arribas da praia do Sul

aperto o meu amigo punha-se á larga... despindo as cuecas.

«Na *Baleia* portanto tem a gente o ar de estar de visita de cerimonia... e por favor... e com o dono da casa sempre de vigia, a vêr se alguem lhe desarruma a areia!

«D'ali passamos á outra enseada: a *Praia do Peixe:* é uma entrada d'agua consagrada á varagem das embarcações de pesca. Tem uma muralha de grandioso aspecto pelo aprumo e altura com que se ergue do mar á povoação.

«Vem depois a chamada praia do Norte. É a praia pelintra da Ericeira. E como é bastante ao norte do barbeiro da terra, a Influencia local nem a conhece! É espraiada e linda.

«É o momento agora de lhe chamar a sua adormecida attenção para o sitio onde o meu dedo vae entrar... aqui no mappa. Resvala, como vê, da Praia do Norte, por este insignificante resalto, para uma repousadoura, lisa e ampla praia. É a chamada praia de S. Sebastião.

«São ribas que estão a pedir modificação a dynamite com um terreno vastissimo em cima, vago, desoccupado e sem relevos. Tem a kilometro e meio, se tanto, o começo do pinhal de Mafra. Meu caro amigo, aqui é a Ericeira! Disponha a sua Empreza, arranje acções, diga as que me pertencem na minha qualidade de director, eleito por acclamação, da companhia... e a 50 kilometros de Lisboa, com estrada especial para automoveis, vamos fazer uma terra de banhos singular... em S. Sebastião. É tudo d'alto a baixo a fabricar... eu sei. Melhor! É uma praia fronteira ao grande mar, e sem a surpreza de tufões de Biarritz, onde o primeiro ensombramento do horisonte em menos de cinco minutos arranca toldos e levanta saias. Aqui tudo é preguiçoso. O vento avisa a gente. Fabricam-se refugios. E se n'elles se arregaçarem saias... será carinhosamente... com amor. Não faça caso da Ericeira velha. São todos proprietarios. É tudo gente boa. E' gente que cede ao forasteiro, durante o mez da canicula e visinhos, a sua casa com os seus chromos e santos nas paredes, os seus intimos retratos de familia, os bordados commoventes das donzellas, as suas camas durissimas, as suas moscas impertinentissimas. Tudo... e tudo barato... menos o alimento...

«E cede tudo. Ninguem sabe mesmo em que toca se acoitam depois do exodo!

«Bem sei que tem a Ericeira Velha o seu *Jogo da Bola*. É uma especie de pateo empedrado e largo onde a mocidade banhista, quando a olheira aperta, vae á cata de fórmas e de fôrmas. Por lá passeiam os veraneantes em grande gala de trajes como em *garden-party* de palacio, ou como se para ali se transmudassem de coches luxuosos, onde a magestade do transporte exigisse a exhibição de plumas ricas.

«Da casa baixa do banheiro *Alturas*, alugada a 15$000 réis por cada mez e onde a *aigrette* da madama decerto roça o tecto mosqueado, até ao *Jogo da Bola*, mesmo dando meia volta á Ericeira a fingir que foi de circumstancia a digressão, o mais que se consegue gastar são 3 minutos... mas a madama leva o chapeu rico e a mais luxuosa andaina que possue!

«Que diz, pois, meu adormecidissimo amigo, vamos fazer em S. Sebastião a nova praia? Ha poentes lindissimos e estranhos. O sol rubro, como uma péla rubra, n'um relevo deslumbrante, entre fachas irisadas de nuvens, suspenso, a descer, n'uma queda apreciavel e augusta, sobre a agua rôxa zebrada de espumas brancas, bordada de espumas multicores. Ouça o marullfar das vagas rente a nós... Creanças em chilreio. Feche mais os seus olhos. Já está dormindo... Sonhe!... Sonhe com o esforço chimico d'esta immensa superficie oxigenada, iodada, azotada, pulverisando-nos e aos nossos filhos d'immensa saude. Veja toda esta ribanceira cortada de planos inclinados em movimento que, só porque n'elles pousamos os pés, e encostamos a mão a um supporte, nos levarão da praia a casa ou ao hotel commodamente. Complete-me bem esta magia com refugios toldados, lindas casas, palacios encantados, musicas embalantes...

«Isto a dez leguas de Lisboa, com uma estrada especial para automoveis carriando fofamente gente á beira-mar...

«E durma... durma!»

Lisboa, set.° 1906. ARNALDO FONSECA.

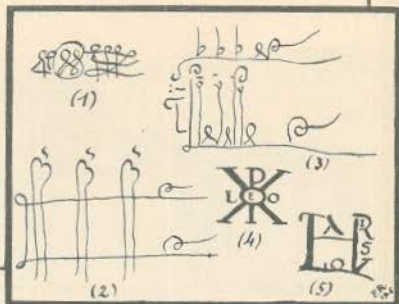
O *golfo*—A varagem d'uma embarcação de pesca

A evolução da assignatura atravez dos seculos

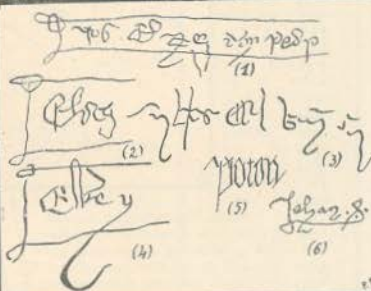
Da necessidade forçosa de authenticar o documento importante nasceu, evidentemente, o *signum*, isto é, — o signal representativo da parte acquiescente no auto de caracter official; e d'ahi foi o contracto que engendrou a primeira assignatura. Mas a origem positiva da assignatura acha-se diluida no ignoto impenetravel da humanidade preterita — como o primeiro homem; nas trevas opacas de bastos seculos passados — como o primeiro atomo! No emtanto, parece-me, aos grosseiros desenhos das cousas feitas tremulamente nos ossos dos animaes, nas cascas das arvores, nas pedras das cavernas, — quando o paleolithico tacteava a Arte — é que deveremos ir buscar todo o seu indeciso graphismo ancestral. Sim, decididamente, fatalmente, a firma — como tudo — tambem teve a sua fórma primordial, muito simples, muito vaga, embryonaria; depois o seu primitivo embryão, degenerando-se e decompondo-se na sequencia incalculavel de dilatados tempos, veiu — seculos em fóra, no impulso suave das civilisações, — sempre de evolutivismo em evolutivismo até compôr a firma de hoje, constituida pelo nome, sobrenomes e appellidos autographos. Fazer a historia rigorosa da assignatura na sua morosa evolução atravez das edades não é cousa assim tão facil, de tão pouca monta, como á primeira vista parecerá, pois se topa a cada passo com lacunas fortemente obstaculisantes, falhas enormes, vacuos desoladores — um deserto estupendo, infinitamente longo, onde se perderá, de facto, todo o incauto investigador que tentar atravessal-o! Mas porquê?! Qual o motivo capital da aridez angustiante em que se encontra aquelle talhão da dilatada planicie da Sciencia, mais ou menos cultivada? É porque a *onomatographia* parece não ter despertado até hoje um grande interesse aos curiosos, e se bem que haja alguns tratados sobre este ramo da Sciencia elles são singularmente deficientes, por serem fragmentarios, incompletos e bastante pessoaes, visto na sua essencia não terem a fria impassibilidade da Critica nem o rigorismo impeccavel da Historia. Assim as fontes onde se deve beber a documentação e a verdade são, infelizmente, bem diminutas; no emtanto eu tentarei esboçar a incompleta historia da assignatura o melhor que souber, mas a minha exposição feita a marcha-de-galgo — ou *à vol d'oiseau* — será rastejante, desataviada, simples, sem o rabejar picaro d'um affectado eruditismo, antes exporei as cousas com a limpida serenidade de articulista profundamente conscio da sua manifesta incompetencia em materia grave de paleographia.

E, posto isto, — assim á laia de prefacio — entremos então no interessantissimo assumpto do gatafunho alheio.

No alvorecer tenue da civilisação, quando a escripta ainda era gravada

[1] Ataulfo, seculo V — [2] Teudiselo, sec. VI — [3] Sisenando, sec. VII — [4] Leão III, sec. VIII — [5] Lotario, sec. IX

no tijolo, os povos antigos — Assyrios, Babylonios, Medas, Persas, etc. — para authenticarem os seus documentos usavam um pequeno cylindro de pedra — equivalente ás actuaes chancellas e sinetes — onde havia gravados desenhos de natureza symbolica e instrucções cuneiformes, e nas quaes se lia o nome do seu possuidor, o de seu pae e tambem o do deus protector de sua casa. O cylindro era vulgarmente trabalhado em onix, agatha, crystal de rocha, jaspe, etc., e a glyptica achava-se, então, já bastante desenvolvida entre aquelles remotos habitantes do orbe, pois guardam-se hoje nos nossos museus cylindros persas executados desde quatro mil annos antes de Christo, até ao ultimo periodo da escripta cuneiforme.

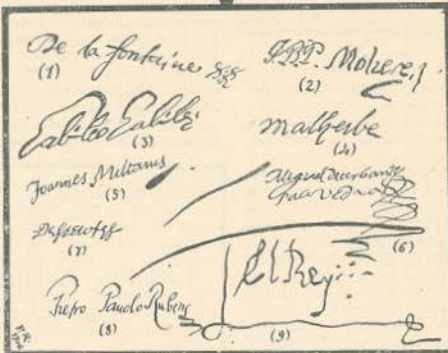
Os hebreus firmavam com cylindros perfeitamente eguaes áquelles outros. No antigo Egypto era o sinete *(signum)* em fórma de annel que servia de assignatura, não só aos lettrados como tambem aos illettrados. Na Grecia o sinete-annel abundava, e na Roma dos Cesares todo o cidadão *trazia no dedo o annulus-signatorius*, destinado a imprimir a firma sobre cêra, resina, chumbo, etc. Esta parte historica pertence, com mais preciso rigor, á sigillographia ou sphragistica: todavia, como aquelle periodo é um dos periodos embryonarios da assignatura propriamente dita, eu não hesito em incluil-a na *onomatographia*. Aos tenebrosos tempos antigos perennes de mysterio, arfantes de brutalismos épicos, succede-se a pittoresca Idade-Media — durante a qual a idéa mystica *per fas et nefas*, soerguendo a individualidade abstracta de Deus, vae impellindo vigorosamente a humanidade para a objectiva civilisação hodierna, que a aurora triumphal da Renascença annunciou mascula, e é então quando a assignatura entra, com galhardia, na sua phase accentuadamente evolucionaria. Na Peninsula, no seculo V da nossa era, Ataulfo firma os seus documentos com um complicado signal hieroglyphico no qual um distincto graphologo hespanhol descobriu, por deducção, symbolos heraldicos, e esta fórma symbolica de assignar conserva-se inalteravel até ao seculo X; usava-se, então, a escripta wisigothica, que no seculo XI attinge o seu apogeu, começando, no emtanto, logo no seculo immediato a desapparecer perante a invasão brusca dos caracteres francezes, derivados do romano antigo e cons-

tantemente aperfeiçoados desde Carlos Magno. Em França, no seculo VI, as assignaturas por extenso, feitas em caracteres onciaes minusculos, começam a ser substituidas por monogrammas e cruzes annunciadas pela formula *signum*, nos autos particulares, e pelas declarações prévias: *manus nostrae subscriptionibus decrevimus roborari* ou *manu propria subterfirmavimus*, nos foraes e outros documentos régios assignados, de cruz, pelos monarchas; toma, então, a firma o seu caracter bizarro — os monogrammas são traçados a cinabrio ou a tintas variegadas para cada lettra; e com respeito ás pennas, com que se desenham as cruzes, é declarado, sob jura, pelo proprio escrivão, que ellas haviam sido molhadas no sangue de Jesus Christo! Mas tão picara declaração parece symbolica, porque era da praxe implorar, no principio dos autos, o castigo do céu para os que faltassem aos compromissos n'elle exarados. No seculo VII a assignatura do

[1] S. Genadio, sec. X — [2] D. Pedro de Castella, sec. XI — [3] Alfonso II, sec. XII — [4] Infante D. Tello, sec. XIII

[1] D. Pedro I, sec. XIV — [2] D. Fernando, sec. XIV — [3] D. Juan I, sec. XIV — [4] D. João I, sec. XIV — [5] Poton de Xaintrailles, sec. XV — [6] Jean sans Peur, sec. XV

[1] Santo Ignacio de Loyolla — [2] Tasso — [3] Rabelais — [4] Ariosto — [5] C. Colombo — [6] Vasco da Gama, seculo XVI

proprio punho vae rareando, devido ao uso quasi geral dos sellos de que se servem não só as partes contractantes como até as proprias testemunhas. Em fins do seculo VIII começam os papas a firmar as bullas com o monogramma do seu nome; entre os particulares a assignatura de cruz achava-se extremamente desenvolvida, por aquelle tempo. No seculo X o uso do monogramma estende-se aos autos particulares da Allemanha e da França; e é n'este referido seculo que, na Peninsula, apparece a cruz como parte integrante da assignatura, a qual, nos dois seculos seguintes, se adopta em todos os documentos, precedida da fórmula latina *signum*, ou unicamente da inicial S; assim firmava D. Affonso Henriques, e alguns reis da primeira dynastia; simultaneamente os notarios aragonezes introduziam na assignatura uma innovação—no meio do nome desenhavam um rosto macanjo, ao qual procuravam dar semelhanças ao da pessoa que tinha de firmar o auto; mas a novidade passou rapida, pois nem meio seculo esteve em uso; e isto talvez motivado — quem sabe? — pelas energicas reclamações das firmantes femininas, indignadas por se acharem pouco favorecidas da belleza no rude desenho do escrivão-retratista. Durante o seculo XII a firma autographa é pouco empregada na Peninsula, começando o dominio do sello; mas na segunda metade do seculo seguinte reapparece de novo, quando surge tambem o cursivo gothico, impenitentemente confuso e abundando em abreviaturas quasi impérvias. Entretanto na Italia a assignatura do proprio punho conserva se inalteravel desde a mais alta Ida-le-Media. Em 1316, em França, sob o reinado de Filippe V, o uso da assignatura por extenso restabelece-se de novo, desapparecendo, pouco a pouco, o habito de empregar o monogramma ou sellos nos foraes e outros documentos; porém, na Inglaterra o costume da firma abreviada subsiste, pois os reis continuam a assignar-se com as iniciaes do seu nome e qualidade, se bem que autographas. É no seculo XIV que se nota a apparição da rubrica, primeiramente traçada n'uma linha seguida, antes do nome proprio sómente, a encaixilhal-o, e que mais tarde na aurora do seculo XV — é collocada após elle com a fórma approximada d'um colchete, ou de um S, enfeitada com pontos ou pequenos traços inscriptos no espaço em branco. Novamente reapparece a cruz, mas a sua applicação só é permittida aos illetrados, conservando-se este uso exclusivo até aos nossos dias. No seculo XVI quasi todos os paizes decretam, obrigatoriamente, o emprego da firma do proprio pu-

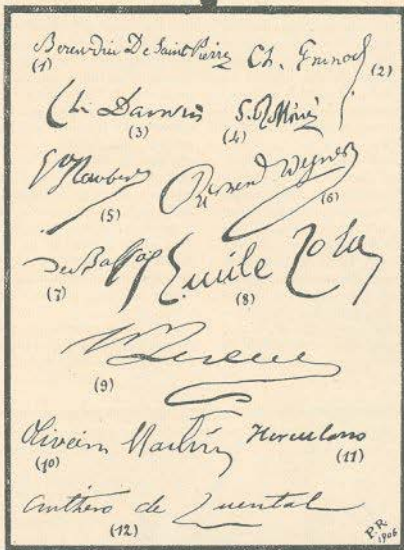
[1] La Fontaine — [2] Molière — [3] Galileu — [4] Malherbe — [5] Milton — [6] Cervantes — [7] Descartes — [8] Rubens — [9] D. João IV, sec. XVII
[1] Newton — [2] Schiller — [3] Voltaire — [4] J. J. Rousseau — [5] Beaumarchais — [6] Nelson — [7] Napoleão I — [8] Robespierre — [9] Luiz XVI — [10] Pedro, o Grande, sec. XVIII

nho para authenticar o documento official; e até os proprios tabelliães deixam, pouco a pouco, de empregar os seus antiquados e complicadissimos *signaes*, substituindo-os pela sua propria assignatura mais ou menos gatafunhada.

Desde então — nos seculos XVII, XVIII e quasi dois terços do XIX — a assignatura, no nosso paiz, caracterisa-se pelo delirio bravo da gatafunha, da rubrica amaneiradamente rabiscada; todavia os hespanhoes, sempre mais *quixotescos*, levam nos as lampas sob este ponto de vista. Tenho presentes aqui mesmo, sobre a minha mesa de trabalho, uns quadros com assignaturas de personalidades hespanholas que viveram nos seculos a que me reporto, e n'elles vejo as mais rabiscadas e macabras rubricas que tenho topado em dias de minha vida. D'ahi em diante a firma simplifica-se, a rubrica sae espontanea dos bicos da penna — o amaneirado extingue-se, a singeleza domina; no emtanto a assignatura hodierna tambem tem o seu caracter bem proprio, a sua feição bem caracteristica — variavel em extremo — Todavia, conserva, inconfundivelmente, uma rasgada decisão do desenho; o seu traço é desprendido, livre, solto, já recto, já curvo n'uma amplitude liberrima, porque a escriptura de hoje — altivamente desmudada do amaneirado atavico da d'outr'ora — parece querer acompanhar, passo a passo, a intensamente nervosa anciedade libertaria da epoca, o espirito contemporaneo furiosamente progressivo. E, mais tarde, os futuros graphologos, provavelmente, hão de encontrar nas firmas do nosso tempo a clara influencia da vida actual, a suggestão forte do facto collectivo — que ora deleita ora horrorisa a humanidade inteira!

Fica, pois, feita assim, a largos traços, a marcha de galgo, a resumida historia da assignatura, e nos quadros com *fac-similes* de firmas escolhidas, que illustram este artigo, poderá o leitor curioso analysar a sua evolução graphica na sequencia ordinal de quinze seculos.

Mafra, 1906.

PATROCINIO RIBEIRO.

[1] B. de Saint-Pierre — [2] Gounod — [3] Darwin — [4] Rossini — [5] Flaubert — [6] Wagner — [7] Balzac — [8] Zola — [9] Eça de Queiroz — [10] Oliveira Martins — [11] Alexandre Herculano — [12] Anthero do Quental

OS SERVIÇOS DA ARCHITECTURA E OS ENGENHEIROS EM PORTUGAL

A historia pormenorisada das phases por que, desde 1891 (1) até agora, passou a construcção da nova Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, ao mesmo tempo que nos explica cabalmente todos os defeitos com que nos apparece esse edificio que podia e devia ser um dos mais bellos que nos deixaria a nossa arte do fim do seculo passado, põe tambem em sympathico destaque, com o erro da nossa organisação official em materia artistica, o nome de um architecto, ainda novo e quasi desconhecido, o sr. Leonel Gaya. Se a sua intervenção não é isenta de erros—e quem os não tem—, a parte que lhe cabe directamente honra-o bastante para que esse facto ligado á historia do edificio não deixe de merecer menção. E é, póde dizer-se, á sua intervenção, a que vem juntar-se a de alguns dos decoradores do edificio, que este merece o registo que lhe é dado nas paginas d'esta publicação.

Alumno ainda da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, quando a respectiva Direcção das Obras Publicas, após a resolução ministerial, encarregou o architecto Nepomuceno de esboçar o ante-projecto (2)—depois posto de parte por iniciativa do seu auctor que, com o fim economico, lembrou o aproveitamento da fachada de Santa Maria do Desterro e do Portal de Santo Antão (3), Gaya foi desde essa epoca collaborador de Nepomuceno. Mas nenhuma responsabilidade dos erros desde então commettidos póde ser-lhe imputada, porquanto, desde que, tendo fallecido Nepomuceno, a direcção da obra lhe foi entregue, o sr. Gaya, áparte umas fraquezas explicaveis pela necessidade de harmonisar o que tinha a construir com o que estava construido, mostrou sempre que, se a construcção desde o começo lhe tivesse sido confiada, o edificio não seria o que é.

O architecto Nepomuceno não era um artista. Era antes um mixto de mestre d'obras e de archeologo, não tendo nem o temperamento que lhe permittisse a realisação d'uma obra d'arte com um cunho pessoal, nem o gosto que lhe facilitasse uma escolha feliz e acertada. Quando, logo depois de elaborado o seu ante-projecto, surgiu a questão economica, foi elle quem, convencido de ter achado uma admiravel solução, suggeriu a idéa do aproveitamento das duas egrejas do Desterro e de Santo Antão, sacrificando assim a minimas vantagens, que o valor diminutissimo da cantaria aproveitada nem sequer deu, o edificio que lhe era entregue. O que estava indicado era uma construcção simples, sobria, impondo-se pela sua linha geral e sufficientemente caracterisada de harmonia com o seu destino util; isto é, uma architectura racional e essencialmente constructiva. E, em logar d'isso, d'um edificio logico e moderno, embora ligeiramente classico, como as tradicções e a magestade da sciencia que tinha a abrigar impunham, o que se fez foi escolher, sem economia real, uma fórma decadente de estylo, fórma que, sendo fundamentalmente torturada e perdida em motivos ornamentaes que não primam nem pela logica nem pelo gosto, revestiu entre nós ainda uma mais secca e desgraciosa maneira.

Seja ou não verdadeira a tradicção que quer filiar parte da ornamentação d'essa phase da renascença na copia de escudetes e outros emblemas armados em cartão ao ar li-

A nova Escola Medica

[1] Foi n'esta data que o conselheiro Antonio Candido, então ministro do reino e da instrucção publica, assignou o diploma que auctorisou a construcção da nova Escola Medica. Desde então até hoje, com algumas intermittencias e diminutissimo pessoal, duraram estas obras que desde ha dois annos se acceleraram com o fim de concluir o edificio a tempo do congresso de medicina ha pouco realisado em Lisboa.

[2] O ante-projecto era em estylo classico, e apesar de demasiado academico como é de presumir que fôsse realisado, dada a orientação exclusivamente archeologica do seu auctor, seria ainda assim sem duvida superior ao depois preferido.

[3] D'estas duas egrejas só foi aproveitado decorativamente o material da de Santa Maria do Desterro. O material arrancado á de Santo Antão, como não estava na mesma escala, entrou como alvenaria no novo edificio! Aproveitou-se assim decorativamente o peor!! As plantas das duas egrejas são, na opinião de Haupt [no seu livro da «Renascença em Portugal»] ambas, provavelmente, de Filippo Terz , architecto italiano de grande valor mandado vir em 1570 para

vre nas festas populares e depois deformados e contornados pelo mau tempo (1), o que não é menos certo é que todo esse abuso de volutas, escudos e escudetes que corre ao longo das fachadas da nova Escola Medica, que se desentranham dos seus capiteis, enchem os seus frisos e d'ali passam, levados pelo pincel dos seus decoradores para os seus tectos e paredes, nem são d'um grande bom gosto, nem, no seu contorcionado embricamento, a que veem ligar-se as grinaldas e outros accessorios decoraes, se harmonisa com a idéa de simplicidade nobre e severidade digna que devia estar claramente escripta em todos os detalhes d'esta construcção.

Fachada de Santa Maria do Desterro (architectura attribuida por Haupt a Filippe Terzi)

Deixando a fachada principal, que não se recommenda nem pelo estylo nem pelas proporções, e em que custa a esquecer as verdadeiras magrezas de marceneria em que os canteiros talharam misulas e tornearam balaustres, entramos, atravez o portico enriquecido com dois hemyciclos que são o melhor pedaço da architectura exterior do edificio, no vestibulo. E' obra do architecto Gaya, e é, não ha duvida, muito boa. O tom do tecto, a sua decoração racional em caixotões com o vigamento á vista, simultaneamente constructivo e decorativo, as suas proporções, as molduras das portas, o roda-pé e pavimento, tudo n'uma grande harmonia, tornam esse trecho do edificio um dos que melhor impressionam. Depois, ou se toma o claustro que se abre em frente e que é um pouco acanhado e secco, accentuadamente jesuitico, subindo ou descendo a escada de serviço que fica para além d'elle e que liga o edificio propriamente dito aos annexos, ou, sem deixar o vestibulo, se segue pela primeira porta da esquerda para a escada nobre. Tomaremos por aqui. Logo, depois de termos percorrido toda a parte principal a que conduz essa escada, voltaremos por cima até á grande escadaria de serviço que é uma das varias coisas boas que se devem ao sr. Gaya.

Portal da egreja de Santo Antão [attribuida por Haupt a Filippe Terzi]

A caixa destinada á escada nobre, que mais parece pelas suas dimensões e collocação uma escada de serviço, já estava marcada e feita pelo architecto Nepomuceno quando o sr. Gaya começou a dirigir a edificação. Teve, pois, o sr. Gaya que cingir-se a ella, procurando n'essas pessimas condições tirar o melhor resultado possivel. Não dizemos que o conseguiu por completo. O lançamento da escada é bom, o desenho da grade muito feliz e admiravelmente executado, os mascarões, aliás esculpidos sem caracter pelo esculptor sr. Netto, bem imaginados para encobrir os angulos desagradaveis e inevitaveis do desenvolvimento desencontrado dos lanços, mas o conjuncto é theatral de mais. O vitral que superiormente a illumina, concorrendo para esse mau effeito, vae prejudicar a obra de Ramalho, que ha de guarnecer as paredes, irisando-lh'a de côres que não a deixarão vêr na sua valorisação justa. E todo o roda-pé guarnecido a faxas lamminadas e pontas de brilhante, além de ser bastante improprio do logar para que foi aproveitado e de não ligar com a restante decoração que procura ser leve e graciosa, não tem o relevo necessario a esse motivo de decoração essencialmente constructivo. Todo esse socco parece estampado.

Subida a escada, está-se no patim superior que communica do lado direito com o salão nobre e em frente com a sala dos passos perdidos ou ante-camara do salão, por ser por ella que se entra para este nos dias de festas solemnes. A decoração das paredes da escada e patim superior é de Antonio Ramalho. A parte já feita, a ornamental, é boa. A côr é linda e d'uma grande delicadeza, subordinando-se, é claro, a composição ao barocco dominante. Mas, a dentro d'isso, Ramalho affirma uma grande facilidade e um admiravel sentimento de côr, prejudicando, n'esta parte, com a sua visinhança, a decoração do tecto feita pelo sr. Vaz, cuja côr é suja ao pé da d'aquelle artista. Ramalho tem oito medalhões a pintar e dois quadros. O esboço d'um d'esses quadros, ou antes reducção — o artista, em conformidade com a consulta do Conselho dos Monumentos Nacionaes, terminou completamente essa prova — é magnifico, feito com um bello espirito decorativo, sem violencias que possam quebrar a harmonia do conjuncto em que o sr. Ramalho foi chamado a intervir.

N'este patim, ha ainda entre duas columnas parallelas que sobem de junto da grade do patim até ao entabolamento superior, e que dão uma grande nobreza e força ao conjuncto architectonico, uma esculptura de Costa Motta. Pelo livro que segura n'uma das mãos e pelo sitio em que a collocaram, essa figura deve representar a sciencia, mas, áparte o emblema que a distingue, nada nos traduz aquelle fito. Essa esculptura soffre do mal de que soffrem outras

---

construir a egreja de S. Roque. Mas, a construcção da egreja do Desterro começada em 1591 demorou-se, resultando ser a fachada d'uma epoca muito posterior, com a fórma correspondente á 3.ª phase da Renascença, a peor, conhecida por maneira ou estylo *barocco*, que é o que predomina na nova Escola Medica.

[1] O escriptor allemão Lubke, na sua «Historia da Arte», diz que os architectos da 3.ª e ultima phase da Renascença foram buscar todo o mundo de fórmas com que cobriram as fachadas dos seus edificios aos trabalhos do ferro e do couro.

Salomon Reinach e outros escriptores dizem que o estylo conhecido no fim do seculo XVI por *barocco* deveu esse nome aos portuguezes, que assim denominavam as perolas irregulares, aproveitadas n'elle como elemento decorativo.

A escadaria nobre

decoraçoes da Escola: não tem caracter. Entre a architectura que a rodeia, e com a idéa que era chamada a symbolisar, o esculptor devia dar uns laivos de classica a essa figura que só tem d'isso a roupagem mal composta em que se envolve e o banco em que se senta. Mas o sr. Costa Motta limitou-se a copiar mal um mau modelo.

Seguindo a direito, estamos na ante-camara do salão nobre que tem a fórma de um rectangulo alongado, rematando nos topos em forma de nicho. A architectura d'esta sala é boa. A decoração não foi, porém, feliz. Dos silhares em azulejo do sr. Jorge Colaço formando varios paineis, representando os dois maiores: um a rainha Santa Izabel curando os leprosos, e o outro Sua Magestade a Rainha D. Amelia no Dispensario, e os demais varios episodios historicos e aspectos pittorescos da vida medica, os melhores são os dois do topo que fica á esquerda quando se entra para o salão. De resto, nem o desenho é feliz, nem o tom carregado em demasia dá a nota que era necessaria ao effeito do conjuncto. O tecto e a parte superior das paredes d'esta sala são do sr. Vaz.

Estamos finalmente no salão nobre. E' aqui que está a obra de decoração mais importante. Assigna-a o pintor Salgado. Nas duas grandes paredes lateraes e nas duas de fundo, n'uma das quaes ha a descontar o espaço occupado pelo docel da cadeira presidencial, desenvolveu o artista, n'uma longa theoria de figuras, a historia da Medicina, desde os tempos mais remotos até á epoca actual. Essa decoração desenrola-se a meia altura da parede e occupa todo o espaço até á base do entabolamento. Este trabalho de Salgado representa um enorme esforço e é felicissimo como composição. A modelação das figuras, que é superior, especialmente nos magnificos grupos que occupam os centros das duas paredes lateraes, é, porém, um pouco descuidada em algumas das figuras da parede em que se abre a porta de entrada. A precipitação com que essa obra teve que ser concluida não permittiu, decerto, ao pintor uma revisão cuidadosa do seu trabalho. Mas, se áparte uns pequenos defeitos facilmente remediaveis, esta obra de Salgado, destacada das paredes em que está, é uma obra notavel em que o artista póde ter orgulho, em relação ao seu destino ella soffre tambem um pouco do defeito geral. Não se harmonisa bem com o conjuncto. (1) Pelo tom em que está pintada é ligeiramente forte de mais para a sala, e mais forte nos parece com o salto chromatico que nos obriga a fazer o retrato de El-Rei pintado por Malhôa, que n'ella se intercalla. Esse retrato não liga com a decoração de Salgado, a que devia estar subordinado, nem com o caracter ligeiramente classico que o artista procurou dar á sala e que era o que se impunha ao fim a que ella era destinada. Sobre a modelação da figura não ser muito feliz, a idéa de vestir El-rei de casaca não foi bem achada. Esse retrato resulta mesquinho. Verdade seja que sendo essa sala interessante como architectura, o emmolduramento que o architecto destinou para esse retrato ficou demasiado imbrincado, concorrendo assim para accentuar-lhe as más qualidades. A decoração do tecto é de João Vaz. As duas faxas que o circumdam e que correm logo acima da cornija teem um certo interesse. A segunda feita em palmas liga bem com o principio decorativo que o architecto procurou dar ao recinto.

Contiguo ao salão, fica o gabinete real. E' em estylo renascença, sobrio. Aparte a mesquinhez d'uns florões que guarnecem as molduras das portas, e que o entalhador acabou demasiadamente, a architectura d'esta saleta é boa e harmonica. A pintura é que não é feliz. A perspectiva do painel do tecto é má, e o tom demasiado *chic*. Malhôa, que

[1] E' o resultado da falta de plano largamente estudado no seu conjuncto, e a consequencia da entrega das decorações das differentes salas a mais do que um artista. Consultado já depois das encommendas feitas pelo ministerio das obras publicas, o responsavel de tudo, o Conselho dos Monumentos Nacionaes, no seu parecer de 29 do agosto de 1901, fez sentir esse perigo recommendando aos artistas que procurassem harmonisar os seus trabalhos. Mas se ha cousas quasi impossiveis, esta é uma d'ellas.

Entregue por concurso, ou sem elle desde começo a um architecto de valor, e alguns felizmente temos, e realisado sob a sua inteira direcção, o edificio da Escola Medica revestiria uma outra grandeza que assim não reveste.

A escada de serviço

A decoração da escada nobre de Antonio Ramalho

é um grande pintor do ar livre, mestre absoluto em quadros de genero, violenta-se demais quando não realisa na sua maneira forte, acontecendo-lhe então, apesar de todo o seu grande valor, falhar por vezes como agora. Depois, se, por um lado, o caracter da architectura d'esse gabinete justifica a escolha do logar em que foi feita a decoração, devemos entretanto dizer que, felizmente, hoje é grande a corrente contra o uso de dar importancia aos tectos para o effeito da decoração. Esse costume, tanto em moda na renascença, começa a declinar. A pintura do *plafond* não é logica. Só se póde olhar com grande sacrificio e custo. O que seria racional era decorar o espaço que fica naturalmente dentro do nosso raio visual, isto é, as paredes, crescendo então d'ahi a decoração com caracter accessorial para o tecto. E, n'um edificio como a Escola Medica, em que o architecto que o dirigiu procurou, intelligentemente, dentro do possivel, dar-lhe uma orientação moderna, essa transigencia com a logica, ainda n'um recinto accentuadamente renascença, teria sido talvez para louvar.

Busto do dr. Manuel Bento de Sousa, de Teixeira Lopes

E temos concluido a parte mais ornamentada, visto, na sala que Columbano ha de decorar, a dos conselhos, nada ainda existir d'este illustre artista.

Sigamos uma serie de salas destinadas a varios fins, e estaremos na grande escada de serviço que põe em communicação a parte principal do edificio com os annexos. A escada é bellamente lançada e, já pela sua funcção, já pela maneira como o architecto a realisou, é, póde dizer-se afoitamente, a escada principal do edificio. A grade que a guarnece em ferro forjado ornamentado a metal amarello é d'um bom desenho e admiravelmente executada. Descendo-a, está-se no theatro anatomico e nas aulas e amphytheatros annexos. Toda a planta d'este trecho é racional, d'uma grande clareza, e merece registo a maneira superior como o archtecto procurou fazer a ligação entre esta parte do edificio em que não ha sujeição a estylos e a parte nobre vasada em barocco.

E, com a menção d'um busto em marmore do professor Manuel Bento de Sousa, esculpido por Teixeira Lopes, concluimos o que tinhamos a dizer n'uma breve noticia como esta. Esse busto, apesar de prejudicado pela luz, que é a opposta d'aquella para que foi feito, é uma obra digna do nome que o esculpiu. De resto, Teixeira Lopes tem a sua reputação mais que firmada. Teixeira Lopes é o nosso

Um painel de azulejos de J. Colaço

Salão nobre

perintende a estes serviços referendou como muito bom o segundo projecto apresentado pelo architecto e por elle executado, quando esse projecto mandava o mais simples bom senso e o mais rudimentar gosto artistico pôl-o completamente de parte. Depois, tudo correu com a mesma desorientação, resolvendo relativamente ás decorações a mesma entidade, soberanamente, e pela maneira mais infeliz, contra a opinião expressa do Conselho dos Monumentos Nacionaes, e com o resultado lamentavel que no edificio da Escola é patente.

Não ha, é certo, a minima razão de queixa dos differentes engenheiros que, mais proximamente, superintenderam nos serviços, antes devem ser louvados pela liberdade em que deixaram o sr. Gaya, mas a justiça d'este

maior esculptor e um artista que honraria a arte de qualquer paiz.

* * *

De tudo isto, uma coisa resalta: o vicio de origem.

O edificio da Escola Medica foi, não ha duvida, projectado por um architecto e executado por outro, mas as condições em que tudo isso foi feito é que são deploraveis, e ellas são a consequencia logica da organisação official dos nossos serviços de construcções publicas.

Entregue, sem concurso, a um artista secundario, quando, attendendo á sua importancia, a não ser dado a um architecto com o valor do sr. Luiz Monteiro, só por aquella fórma é que devia ser concedido, o conselho que, no ministerio das obras publicas, su-

Claustro

Um dos amphitheatros

louvor é, por si só, comprovativa da inutilidade d'essa superintendencia, que, a exercer-se, correria risco de ser perniciosa.

Assim, esta construcção veiu mais uma vez, claramente, demonstrar que, em materia de architectura, o mal não terá remedio emquanto a organisação dos respectivos serviços fôr a actual. E este mal é preciso encaral-o de frente, resolvendo-o definitivamente e não com palliativos sempre insufficientes e inefficazes. N'uma boa orientação, a primeira medida a tomar é a separação do quadro dos architectos do dos engenheiros, limitando-se a uns e outros as suas attribuições, e dando-se áquelles a autonomia que estes ha muito usufruem.

O ambito da acção dos engenheiros é já de si grandemente amplo. Jupiters d'uma nova religião, por assim dizer nascida no seculo XVII, e, entre nós, só verdadeiramente enraiza-

da no seculo XIX, elles enfeixam nas suas mãos todos os elementos da natureza, elementos que dominam e de que arrancam os mais maravilhosos resultados, vencendo as distancias, transformando as correntes naturaes em economicos e poderosos motores, o fogo em velocidade, e levando, além de milhares de leguas, com a rapidez do raio, o pensamento humano. Mas, por isso mesmo, é justo que o seu poder não vá além do que, racionalmente, lhe compete. Teem campo de mais para, a dentro d'elle, demonstrarem a grandeza da sua força. A arte architectural, para que não são preparados e com que, até por educação, são naturalmente incompativeis, deve estar fóra da sua alçada.

Temos, é certo, engenheiros que se teem dedicado ao estudo da architectura, e que teem, n'esse campo, certa competencia, tamanha ou maior do que a de alguns architectos, mas esse numero é reduzidissimo, e não póde, por isso, ser argumento para defender-se a superintendencia dos engenheiros em assumptos em que só se habilitam quando uma vocação e educação especial fazem d'elles, conjunctamente, mestres da engenharia e artistas architectos.

Sala dos passos perdidos

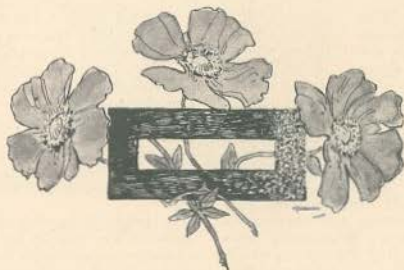
E isso tanto mais quanto, a maior parte das vezes, esses que assim se julgam são, não artistas-architectos, mas simplesmente engenheiros-archeologos.

Mas, sejam architectos ou archeologos, cousas differentissimas, o que é certo é que, fóra de casos excepcionalissimos, teem sido elles, se não os auctores, pelo menos os responsaveis de todo o estendal de barbarismos que, ha dezenas de annos a esta parte, se tem vindo praticando em Portugal em materia de arte. Não os enumeraremos, já porque a lista seria longa, já porque isso é desnecessario, visto, na sua quasi totalidade, serem precisamente os membros d'essa classe, uma das mais illustres e que mais serviços tem prestado ao paiz, os primeiros a dar-nos razão e a reclamar a reforma por que pugnamos.

De resto, a experiencia feita é concludente. Em 30 annos, ascende a 45:000 contos o que se tem gasto entre nós com edificios publicos e como dizem justamente, na sua representação ao governo, os nossos architectos «rarissimos são comtudo os edificios publicos que, em Portugal, se possam exhibir sem pejo e nem um só ha completo de que nos possamos vangloriar. E não só d'aquelle pesadissimo sacrificio imposto ao paiz nenhum beneficio resultou para o desenvolvimento da nossa architectura contemporanea como tambem nem esse sacrificio serviu para conservar o nosso riquissimo patrimonio artistico, sendo até em parte applicado em vandalisar monumentos que, perpetuando um glorioso passado, são a honra da nação».

Justo é que, pelo menos, se tente, portanto, uma nova variante e já que sustentamos escolas para educação de architectos entregue-se-lhes, sob a sua unica e inteira responsabilidade, os serviços de architectura. Então se verá do que são capazes. E, se se provar que nada mudou, e que tudo continua como antigamente, ainda assim alguma cousa se lucrará, e esse alguma cousa é a certeza da inutilidade dos cursos em que se habilitam.

Quando mais não seja senão por isso vale a pena a experiencia. N'um paiz pobre como o nosso, não devem desprezar-se ainda mesmo uns magros vintens como esses que o Estado parece gastar, perdulariamente, em subsidiar estudos para educar artistas que, afinal de contas, só existem no papel... dos seus diplomas.

JOSÉ DE FIGUEIREDO.

OS SERRALHEIROS DA ESCOLA DE COIMBRA

Se a arte de canteiro estava na tradição artistica regional, a arte do ferro batido e forjado era quasi completamente ignorada em Coimbra, antes dos trabalhos da iniciativa de Antonio Augusto Gonçalves, e parecia até, pelo lavor corrente, não ser das aptidões dos artistas d'esta terra.

Pouco se sabe da sua historia.

Nos documentos do archivo municipal e nos papeis da Universidade tenho encontrado referencias varias a serralheiros de Coimbra; outras tenho colhido tambem em livros de notas antigos.

Não ha, porém, obra que authentique e que permitta avaliar-lhes o merecimento.

Em documentos publicados pelo meu amigo conego Prudencio Garcia, ha referencias que parecem dar algumas das caracteristicas do trabalho regional.

A partir do seculo XVI, em que parece ter actuado no desenvolvimento d'esta profissão o movimento geral de construcções que ia então em Coimbra, apparecem trabalhos d'esta industria assignados e datados, o que indicaria talvez o enthusiasmo do começo de uma arte nova na cidade.

O pouco que se salvou e existe espalhado pelas egrejas, ou nas collecções do Museu de Antiguidades do Instituto, é muitas vezes de uma linha sobria e elegante e revela sérias aptidões artisticas.

Parece, porém, ser trabalho isolado, devido a esforço individual, e a obra, quando fóra dos objectos de uso corrente, é em geral pesada e sem gosto.

Depois do seculo XVI esta industria foi perdendo, pouco a pouco o seu caracter artistico.

O que os artistas de Coimbra apresentavam nas ultimas exposições revelava habilidade manual, mas ausencia absoluta tambem de espirito artistico.

Foi no trabalho de Manuel Pedro de Jesus, feito segundo um desenho de Antonio Augusto Gonçalves, e dirigido por elle, para o monumento funerario de Olympio Nicolau Ruy Fernandes, que o nosso amigo teve a revelação das aptidões artisticas que se perdiam no trabalho corrente.

Começou então organisando uma especie de alphabeto decorativo, uma flôr, uma folha, a curva de uma haste, que foi reproduzindo em obras successivas, por forma a chamar a attenção dos artistas e habitual-os a jogar com elementos de decoração novos, de facil execução, e de effeito decorativo seguro.

Habituou os artistas á execução simples e sobria em grandes linhas, de cravações á mostra, ensinando-os a não forçar o ferro a branduras improprias.

Lourenço d'Oliveira Chaves d'Almeida
—Peanha esculpturada

Manuel Pedro de Jesus e João Machado foram os seus cooperadores n'esta obra de resurgimento artistico.

A technica maravilhosa de Manuel Pedro de Jesus triumphava de todas as difficuldades e impunha com a sua auctoridade de mestre respeitado as normas novas aos outros artistas.

João Machado deixou algum tempo o seu amor pela pedra para se entregar com enthusiasmo á nova arte que via nascer com o alvoroço com que a sua bella alma constata sempre um progresso novo da sua terra.

O architecto Augusto Silva Pinto entrava mais tarde n'este movimento e fazia dar á serralharia artistica alguns passos decisivos.

Esta a historia summaria dos trabalhos em ferro forjado, industria que tão auspiciosamente se mostrava na exposição de Coimbra.

Digamos agora alguma coisa dos caracteristicos do trabalho dos expositores que, como todos os discipulos de Gonçalves, conservam a sua individualidade sem se repetirem, ou copiarem uns aos outros.

Manuel Pedro de Jesus expoz um tinteiro em execução e uma grade de jazigo.

A grade é um capricho moderno em que se vê a adoração pelas bellas ferragens de estylo gothico; o tinteiro é, pelo espirito decorativo, pelo desenho e pela

Joaquim Mendes de Abreu
— Cadeira

execução, obra propriamente de hoje.

O trabalho de Manuel Pedro

Joaquim Mendes de Abreu—Estante

de Jesus é sobretudo para admirar nas grandes peças, em que o varão de ferro se dobra em curvas do mais puro desenho, naturalmente, como se fosse vergado pelos braços de um gigante.

Não se percebe a impressão do martello, não parece que o fogo o ajudou, o ferro não perdeu a nitidez de uma aresta no angulo mais imprevisto, na curva mais inesperada e a obra executada tem a facilidade do desenho ou da aguarella que lhe serviu de modelo.

Nunca é este artista raro atraiçoado pela força do seu braço ou pela agudeza da sua vista.

O desenho, porém, é reproduzido sem seccura e anima-se, na execução, da vida do ferro, cuja belleza e caractéres organicos se vêem em toda a obra.

E este respeito pela materia, em que trabalha, não é só visivel nas grandes obras que saem da sua mão; encontra-se nos pequeninos objectos de caracter accentuadamente artistico, burilados por elle com o mesmo amor com que lavraria a prata ou o ouro fino o mais subtil ourives.

Antonio Maria da Conceição tinha na exposição um castiçal e uma grade, dois trabalhos de um legitimo successo, por revelarem um optimo serralheiro, dotado de excellentes disposições artisticas.

Joaquim Abreu Conceiro—Guarda joias

A grade, em estylo renascença, trabalho de forja e martello apenas, tinha o vigor, a força e a espontaneidade de execução de um trabalho hespanhol antigo.

O castiçal, que reproduzimos, é por si só a prova segura de que Antonio Maria da Conceição tem um verdadeiro temperamento de artista.

Antonio Conceiro, o mais recente dos discipulos de Antonio Augusto Gonçalves, expoz apenas a grade que publicamos, curvando o ferro e batendo as folhas com elegancia e sentimento artistico, evitando o escolho facil da monotonia, produzindo uma obra que veiu confirmar o justo credito de bom artista de que gosa.

Lourenço d'Oliveira Chaves d'Almeida é, depois de Manuel Pedro de Jesus, o discipulo de A. Augusto Gonçalves a quem mais deve a arte de ferro forjado em Coimbra.

D'uma familia antiga de afamados serralheiros, herdou todo o amor á arte que distinguiu sempre os seus. Além de um espirito inquieto, sempre á busca de melhor, não recuando deante das mais ousadas tentativas, tem um raro amor ao estudo, procurando adquirir a instrucção geral, sem a qual vê que não é possivel progredir.

O satyro da peanha esculpturada revela conhecimentos precisos de anatomia, que estudou propositadamente, não se contentando com o modelo, seguindo o exemplo de Violet-le Duc.

E a anatomia do seu satyro é uma anatomia de ferro, secca, fortemente accentuada.

Joaquim Mendes de Abreu —Cadeira

A testa do satyro deitada para traz, a inserção das orelhas, dando a bestialidade felina á cabeça, accentuando fortemente a sensualidade pagã do symbolo, mostram a excepcional sensualidade do seu temperamento, a sua fina intuição artistica.

Na grade de jazigo, que reproduzimos tambem, é a exacta comprehensão do sentimento vegetal que resalta logo, na linha das folhas torcendo-se n'um movimento natural para animar da vida dos reflexos a superficie do metal.

As flôres teem a delicadeza e a vida dos lyrios de Paul Dubois.

No desenvolvimento geral, no arrancar do ferro, lembra alguns dos bons trabalhos de Pepper.

E' extraordinaria a facilidade com que burila o ferro como se fosse prata ou ouro.

São estes os expositores da industria do ferro,

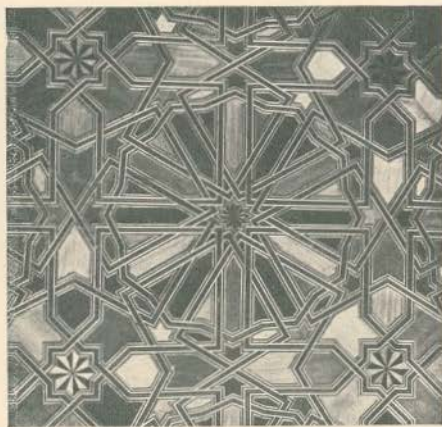
que resurge, e que conviria fomentar, procurando-lhe novas applicações.

E ha até, na tradição da arte popular, bellos e esquecidos motivos de decoração a aproveitar e cujo gosto util seria desenvolver.

Nas aldeias, nos jardins das pequenas cidades de provincia, é vulgar encontrar, encimando caramanchões vestidos de verdura e flôres, cataventos historiados, em que a mão do artista popular recortou em ferro, n'uma allusão alegre a merendas e festas feitas ao seu abrigo, um capricho decorativo do mais inesperado effeito.

Benjamim Ventura—Tecto mudegar

Outras vezes, o catavento é empregado como annuncio e ergue-se encimando a latada da horta, bem visivel da estrada, annunciando o vinho bom, mais fresco e de um vermelho mais avelludado e são á sombra d'aquellas verdes ramarias, na figura titubeante de um homem levantando o seu copo ao ar, ou mostrando a rir a borracha grande e cheia, tudo ingenuamente illuminado pelas tintas simples de um pintor do povo.

Um burro com os seus alforges, trotando perseguido pelo moço de almocreve, a correr de carapuça fluctuante e chicote a estalar no ar, encontrei eu já, farejando os quatro ventos, no catavento do mirante de um alquilador de provincia.

Benjamim Ventura—Tecto mudegar

E é interessante saber a alta linhagem d'este humilde motivo de decoração popular.

Tem foros de nobreza grande.

Quando algum cavalleiro se distinguia pelo seu valor, e era o primeiro a arvorar na fortaleza conquistada a bandeira do seu senhor, davam-lhe, na Edade Média, os grandes senhores feudaes, como rara distincção, o direito de collocar na parte mais alta e mais visivel dos seus castellos uma bandeira com as armas da sua casa.

D'ahi veiu o costume, e d'ahi lhe ficou a fórma de bandeira, que é ainda hoje a mais usada, e que em conventos antigos vemos, tendo recortadas na folha de ferro as armas da ordem religiosa a que pertenciam, e que o céu, a vêr-se, vem bordar de azul na bandeira negra e oxidada pelo tempo.

Dos castellos passou para as egrejas, em que no seculo XV se começou a usar; d'ahi para os pelourinhos, em alguns dos quaes foi aproveitado para marcar a data do seu levantamento, perdendo por fim a sua significação heraldica e generalisando-se o seu emprego, como simples indicador do vento, e mais do que isso como motivo decorativo, como remate gracioso de uma construcção, na aresta terminal de uma chaminé, no espigão de um telhado, no bico de um caramanchão.

Antonio Augusto Pedro—Moldura para espelho

O bom gosto burguez vae, porém, em via de acabar com este gracioso motivo de decoração, substituindo-o pela esphera de espelho de tão lamentavel effeito.

E' um motivo decorativo a salvar e a que bom seria dar vida nova.

Maxwell Ayrton tentou-o em Inglaterra, em que são celebres os cataventos do Guild-Hall de Rochester, representando uma nau dourada de mais de dois metros de comprimento, a grimpa de quadrante solar da Kings-Galery, o gallo de St. Nicolas, e o dragão de St. Mary-le-Bow, bellas obras de Christopher Wren com a data do seculo XVII.

Em Portugal o catavento conservou nas egrejas a fórma tradicional do gallo, symbolo da vigilancia, fórma que o velho emblema medieval tomou na sua adaptação aos templos logo desde o começo, na mesma justa intenção decorativa com que a invenção popular terminou os bicos dos beiraes por pombas a voar de um recorte ingenuo e de estylisação involuntaria.

Nem sempre, porém, se conservou esta fórma e em Coimbra ha, no anjo de cabellos e roupagens fluctuantes e de dedo a apontar o vento, que encima a cupula da Sé Nova, um exemplo de excepção de um grande e original effeito decorativo.

De um bello e gracioso effeito tambem, ainda em Coimbra, o catavento da cozinha do convento da Graça, hoje quartel do regimento de infantaria 23, em que o artista deu ao ferro a fórma de bandeira tendo em aberto um coração trespassado por uma setta, emblema galante, caro á arte popular, e que ali faz sorrir.

Nas construcções antigas, ha detalhes decorativos injustamente abandonados, e que pelo contrario se deviam resuscitar, dando-lhes fórmas novas de harmonia com o gosto e esthetica modernos.

Estão n'este caso os cataventos, n'este caso estão tambem os espigões de telhado de que temos exemplos tão decorativos nas obras de barro vidrado da olaria nacional dos seculos XVI e XVII, e que hoje tão miseravelmente transformaram os caprichos modernos em que o barro tem gracilidades de ferro fundido, ou de madeira laboriosa e desgraciosamente torneada.

Antonio Craveiro—Porta de jazigo

O ferro presta-se a terminar de uma maneira graciosa e original os edificios, e o uso de espigões terminaes de ferro forjado e batido devia vulgarisar-se.

D'elles temos um bello e suggestivo exemplo no coreto tão intelligentemente planeado pelo architecto Augusto Silva Pinto para a Avenida Navarro de Coimbra.

E, ainda a este proposito, teremos a citar Antonio Augusto Gonçalves que, no dragão que desenhou para a grimpa da torre da capella do Senhor da Serra, perto de Semide, veiu mais uma vez demonstrar que o seu nome se encontra sempre na vanguarda dos que em Portugal tentam por ventura o rejuvenescimento de qualquer motivo decorativo injustamente abandonado.

E tocamos aqui n'um dos pontos mais interessantes e originaes do ensino artistico de Antonio Augusto Gonçalves.

Elle é incapaz de reproduzir para uso moderno uma obra antiga, comquanto vá muitas vezes procurar na admiração de uma bella obra de arte da antiguidade a inspiração para uma obra original.

E é assim que a sua acção educativa é mais para comparar com a dos grandes mestres inglezes do que com a dos francezes cuja obra tem tantas vezes o ar fruste do *bric-à-brac* falso.

Para o Gonçalves a vida moderna modificou fundamentalmente o meio por fórma a tornar impossivel ou ridicula a reproducção exacta das antigas fórmas e introduzil-as no uso commum.

Adora o ferro, mas não faria nunca uma taboleta como as que balouçavam ao vento a gritar e a chamar a attenção para as casas commerciaes que, nas ruas antigas, estreitas e escuras, passavam facilmente despercebidas.

Seria ridiculo agora, nas mesmas ruas largas, com os estabelecimentos profusamente illuminados, resplandecentes atravez das suas fachadas em que o vidro e o ferro teem uma parte tão importante.

A taboleta deslocou-se para a fachada e ahi deve ficar; mas, se se fôr procurar na intenção de obras antigas a inspiração, n'ellas se encontrará o principio vitalisador que deu a Harold Smith a taboleta, bem moderna, executada pela Bostwick Gate and Shutter Company para o Ship-Hotel em que o ferro, o vidro e todos os recursos da illuminação electrica foram criteriosamente aproveitados.

Antes de terminar, não podemos furtar-nos a dizer algumas palavras sobre os trabalhos em madeira expostos.

Além da porta esculpturada, em que João Machado mostra a sua habitual mestria, figura na exposição um artista que pelo seu estudo e raras aptidões mereceria mais do que as poucas palavras que posso dedicar-lhe.

Conhece os estylos por fórma a imitar com perfeição inexcedivel as antigas obras de arte como mostra o cofre restaurado, a mesa, os tectos que expôz.

Aos estylos vae porém procurar a inspiração, o conhecimento de particularidades decorativas injustamente abandonadas, e entrega-se á arte do seu

tempo com a posse completa de todos os recursos da sua profissão, que as obras expostas revelam triumphantemente.

Antonio Augusto Pedro, seu sobrinho, expôz uma moldura para espelho, de estylo moderno, utilisando com habilidade as côres diversas que a mão de obra dá á madeira.

Joaquim Mendes de Abreu nos moveis solidos de uma bella linha decorativa que expôz mostrou que poderiamos, n'esta parte, deixar de ser, em Coimbra, tributarios de Lisboa e Porto.

Manuel Pedro de Jesus—Grade

Joaquim Abreu Conceiro, um artista muito novo ainda e de cujo estudo e trabalho muito ha a esperar, expôz um delicioso guarda-joias em estylo do renascimento, de uma bella linha, de uma execução cuidada.

O ornato, as mascaras, a figura que o encima, estão trabalhadas delicadamente. A madeira, bem cortada, revela já conhecimento e pratica do officio.

É no conjuncto uma bella obra, de uma linha elegante e delicada.

◉

Este o resultado do ensino de Antonio Augusto Gonçalves, que, como o de C. R. Ashbee, o illustre fundador da Guild of Handicraft, se resume na direcção geral, no aviso, no conselho e nunca n'uma ordem, ensino em muitos pontos analogo ao dos grandes mestres inglezes, inspirando-se nos estylos e na natureza sem vassallagem absoluta a uns ou a outra, comprehendendo a belleza dos symbolos, sabendo creal-os, interpretal-os, sem por isso ser um admirador incondicional do symbolismo vegetal de Nelson Dawson ou de Frampton.

Ao pé do alumno Antonio Augusto Gonçalves procura simplesmente desenvolver-lhe as suas faculdades de observação e de expressão, mas foge de impôr-lhe um systema de ensino. Com a creação da Escola Livre das Artes do Desenho tentou Antonio Augusto Gonçalves introduzir a arte na industria, fazel-a apparecer nos objectos mais communs, pôr a arte emfim ao alcance da classe média, se não do proprio povo, creando e desenvolvendo n'este o seu ideal esthetico.

É em summa a mesma orientação que deu em Londres a poderosa gilda de artistas — Arts and Crafts Association, a Werkstaetten fur Handwerskkunsa, de Dresde, e a Vereineigte Werkstaetten, de Munich, que teem tido uma influencia primacial no desenvolvimento da arte moderna de todos os paizes.

E é, em minha opinião, o ensino de Antonio Augusto Gonçalves o unico que, no nosso paiz, mostra a comprehensão intelligente das preoccupações pedagogicas que teem reformado completamente no estrangeiro a educação artistica do operario.

Lourenço de Oliveira Chaves d'Almeida—Grade

JOAQUIM MARTINS TEIXEIRA DE CARVALHO.

COMO SE LUCTA
TRATADO PRATICO DE LUCTA FRANCEZA

CONTINUAD DO N.º 32

Prisão de braço em rotação, 1.º tempo (fig. 60) — Prende-se com a mão esquerda o braço direito do adversario um pouco acima do cotovello, vira-se-lhe as costas, e amão direita segura energicamente o mesmo braço um pouco abaixo do deltoide, de maneira que o hombro direito do adversario fique sob a axila do luctador. Inclina-se então o dorso para a frente, collocando previamente a perna direita entre as do adversario. Em seguida roda-se com vigor

50
2.º tempo da prisão de cabeça e espadua

51
1.ª defeza da prisão de cabeça e espadua

52
2.ª defeza da prisão de cabeça e espadua

53
3.ª defeza da prisão de cabeça e espadua

54
1.º tempo da prisão de braço

55
2.º tempo da prisão de braço

56
3.º tempo da prisão de braç

para a esquerda e para a frente obrigando-o assim a ir a terra.

2.º *tempo do mesmo golpe* (fig. 61) — Depois do adversario estar em terra, continua-se mantendo energicamente as prisões, e carrega-se-lhe com as costas sobre o peito obrigando-o assim a assentar as espaduas.

Este golpe pode-se fazer para qualquer dos lados.

(Continúa).

O melhor relogio em ouro, prata e aço. O unico que em dois annos conseguiu impor-se a todas as outras marcas
Á VENDA EM TODAS AS RELOJOARIAS E OURIVESARIAS DO PAIZ

Bicyclettes

A casa «Simplex», a que mais barato vende, acaba de receber de Inglaterra um completo sortimento de bicyclettes e accessorios que se vendem a preços sem competencia. Bicyclettes «Simplex», «B. S. A.» e Linos. Recebeu-se nova remessa da nova marca de bicyclettes «Imperial», ultimamente adquirida por esta casa e que tão lisongeiro acolhimento tem tido devido não só á sua elegancia e boa qualidade de fabrico e de todos os accessorios como bem esmaltada e do quadro tracejado que se vendem a preços sem competencia. Grande sortimento de protectores inglezes, businas, lanternas, correntes, etc., etc. Já está em distribuição o novo catalogo de 1906-1907. Descontos para revender. **J. Castello Branco**, rua do Soccorro, 48, e rua de Santo Antão, 32 e 34—Lisboa.

Instrumentos de corda

Guitarras, bandolins, violas e accessorios para os mesmos, envia catalogos gratis para fóra. **AUGUSTO VIEIRA, R. de** Santo Antão, 4.—Lisboa.

Sedativo Beirão

Anti-dysmenorrheico

E' o mais adequado e soberano medicamento para todos os soffrimentos que precedem ou acompanham as menstruações irregulares (dysmenorrhea). Cura ou allivia as colicas uterinas e dos ovarios, as dôres reflexas muito violentas na cabeça, estomago, ventre e quadris; vertigens, spasmos, convulsões, ataques nervosos, hystericos e outros; nauseas, vomitos, diarrhea; abate a elevação do ventre por accumulação de gazes, a turgidez das veias das pernas e das hemorrhoidarias, que muito complicam as menstruações irregulares. O SEDATIVO «BEIRÃO» actua com especialidade sobre o utero, orgãos annexos e dependentes, dá-lhes energia muscular, regularisa as suas funcções e é muito efficaz na atonia dos ovarios e na debilidade ou fraqueza do utero. E' indispensavel na amenorrhea accidental ou suspensão subita das regras por effeito de resfriamentos, emoções ou sustos. O SEDATIVO «BEIRÃO» contém propriedades tonicas, adstringentes e antisepticas, muito efficazes para debellar o fluxo branco-utero vaginal (leucorrhea).

O SEDATIVO «BEIRÃO» é de grande valor terapeutico na menopausa ou cessação final das regras. Elle tonifica as fibras musculares do estomago e intestinos, assegura o regular movimento peristaltico e antiperistaltico d'estas visceras que, quando invertido, é origem e sustentaculo de graves perturbações gastro-intestinaes; diminue a pressão sanguinea, estabelece o equilibrio da circulação e consequentemente melhora os perigos da superabundancia de sangue e de outras molestias que sobrevem pela cessação final dos menstruos n'esta mudança da vida da mulher. O SEDATIVO «BEIRÃO» não é contra indicado nas molestias uterinas e dos ovarios que dependem de lesões d'aquelles orgãos ou de intervenção cirurgica.

Depositos auctorisados: em Portugal, Pharmacia Liberal, Avenida da Liberdade, 167, Lisboa — Pharmacia do Padrão: Rua Formosa, 10, Porto — Inglaterra e colonias: Mr. J. Wyman—Export Droggist: 38 e 39, Bunhill Row London. E. C.

Aguas mineraes do Monte Banzão

PEÇAM

EM TODA A PARTE

R. Arco Bandeira, 216, 2.°

LISBOA

Aguas mineraes do Monte Banzão

Automobili-Isotta Fraschini

Os mais solidos, simples e economicos e os que melhor sobem

Central Garage, F. S. Martinho & C.ª
Accessorios e officinas de reparações
Rua da Escola Polytechnica, 225 227 229 e 231, Lisboa.

"O PIPERINOL"

Preparado para dar côr e brilho em moveis, soalhos e lambris, 9m quadrados de soalho por 550 réis?!! que é o preço de cada litro, não tem cheiro algum, substitue todos os antigos preparados d'agua-raz. **«O PIPERINOL»** (INCOLOR) para dar brilho em parquês, moveis e mais ornamentações em madeiras claras, etc., não lhe alterando a côr, substituindo a cêra e agua-raz *sem cheiro algum*. Applicação facil e rapida. 1 litro para cada 10m quadrados. Instrucções e amostras no deposito unico. **Rua de Buenos Ayres, 35. GIL DIAS D'ASSUMPÇAO.**

Alcool de Menthe e Agua de Melissa

Da Abbadia dos antigos Frades Benedictinos de Fécamp

Achamos util submetter á apreciação do publico dois productos do nosso fabrico: o ALCOOL DE MENTHE e a AGUA DE MELISSA, os quaes, pela sua superioridade sobre os similares e graças ás suas qualidades perfeitamente hygienicas, adquiriram em poucos annos fama universal e bem merecida.

Alcool de Menthe Emprega-se como bebida refrigerante; favorece ás digestões difficeis; as suas propriedades tonicas fazem d'elle um preservativo poderoso.

Agua de Melissa A agua de Melissa dos Benedictinos da Abbadia de Fécamp é adoptada sobretudo em casos de apoplexia, paralisia, vertigens, flato, desmaios, indigestão enxaqueca, etc.

Acham-se á venda nas principaes pharmacias, drogarias, confeitarias e mercearias. Desconto aos revendedores.

AGENTES

Wheelhouse & Mackee

R. Augusta, 138, 2.°

LISBOA